

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FERNANDA ZANELATO OLIVEIRA DOS SANTOS

**A OCORRÊNCIA E AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS NA MODALIDADE ORAL**

**MESTRADO EM
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FERNANDA ZANELATO OLIVEIRA DOS SANTOS

**A OCORRÊNCIA E AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS NA MODALIDADE ORAL**

Dissertação apresentada em atendimento à exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem à Banca Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sumiko Nishitani Ikeda

PUC - SP

2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (orientadora)

Prof^a. Dra. Fátima Beatriz de Benedictis Delphino

Prof^a. Dra. Maria Aparecida Caltabiano da Silva

*À minha família,
por toda motivação, amor e apoio*

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

À minha orientadora, Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda que, com sua sabedoria, paciência e disposição constante, facilitou a construção do meu conhecimento linguístico e, com seus conselhos, exemplos e postura de vida contribuiu com meu amadurecimento pessoal.

À Professora Doutora Fátima Beatriz de Benedictis Delphino, por suas valiosas sugestões na Banca de Qualificação que contribuíram para um redimensionamento dessa pesquisa.

À Professora Sonia Regina Longhi Ninomiya, que, com seu olhar e sua vontade de ajudar fez questionamentos substanciais e contribuiu para reformulações importantes em minha pesquisa.

À Professora Doutora Maria Francisca Lier de Vitto por sua contagiante paixão pela Linguística.

À Professora Doutora Rosinda de Castro Guerra Ramos por provocar frutíferas reflexões.

Ao Professor Doutor Tony Berber Sardinha por compartilhar seu vasto conhecimento.

À Marcia e Maria Lúcia, funcionárias do LAEL, por todas as informações e pelo apoio nos momentos difíceis.

À minha avó Carmelina e ao meu avô Argemiro Zanelato, grandes exemplos.

À minha mãe Aparecida Zanelato e ao meu pai Xico Santos, por terem me transmitido o desejo de buscar contínuo conhecimento.

À Brigid, companheira e amiga de todas as horas.

Ao Galahad, por ser tão amoroso e motivador.

Ao João, por sua paz e alegria.

Ao Anderson, por toda compreensão, carinho e amor.

Aos meus amigos e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Epígrafe

"O universo não pode ser simplificado aos limites da compreensão, como tem sido a prática humana até o momento, mas antes, o entendimento é que deve ser estendido e ampliado de forma a compreender a imagem do universo tal como ele é desvendado." (Francis Bacon, 1561-1626)

RESUMO

As orações subordinadas adverbiais têm sido estudadas em sua função sintática, isto é, na sua estrutura (o 'o que é' uma oração subordinada). Nesse enfoque, há uma oração principal e uma outra, que se subordina àquela, em geral através de conjunções subordinativas. Porém as suas funções discursivas, (i.é, o 'para que servem' essas orações) não têm sido objeto de muita pesquisa. Nesse contexto, esta pesquisa enfoca a oração subordinada adverbial condicional, ou em termos mais amplos, a condição – em orações não necessariamente iniciadas por conjunção subordinativa condicional - que chamaremos de 'construção condicional' (doravante, CC) e as funções discursivas por ela exercidas em interlocuções ocorridas em entrevistas documentadas pelo *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (NURC)*, de Castilho e Preti (1986). As CCs são tradicionalmente consideradas como constituídas por duas partes: a chamada oração subordinada adverbial condicional e a oração principal (BECHARA, 1969). Por outro lado, Moura Neves (1999), estudando as CCs¹ do ponto de vista lógico-semântico, diz que, dentro de uma CC a *proposição* subordinada é tradicionalmente chamada *prótase* e a principal é chamada *apódose*. De acordo Ikeda (2002), que cita van der Auwera (1997), as CCs vêm sendo pesquisadas na linguística ocidental há mais de meio século, tendo sido seu estudo iniciado por Bolinger (1952). Segundo Bloor (1998), as CCs têm atraído ampla discussão em vários campos de estudos. Assim tem sido na filosofia (JACKSON, 1991); na linguística (análise do discurso) (HORSELLA; SINDERMANN, 1992); em direito (CRYSTAL; DAVY, 1969); na economia (MEAD; HEDERSON, 1983; PINDI, 1987). O estudo das CCs é importante por envolver questões relacionadas à persuasão - hoje considerada uma das funções mais importantes da língua - em especial a que se faz implicitamente. As CCs servem a funções discursivas como as de: (i) restrição do desenvolvimento da mensagem na oração (HAIMAN, 1978), através da função de topicalização; (ii) criação de 'mundos possíveis' (FAUCONNIER, 1985; 1997 *apud* DANCYGIER; SWEETSER, 2000); (iii) amenização da ameaça à face (BLOOR, 1998); (iv) modalização epistêmica ou deontica (AUER, 2000), (v) avaliação em CCs pospostas (AUER, 2000) e (vi) resumo/repetição (AUER, 2000). A literatura mais recente cita diferentes tipos de CCs, distribuídas entre CCs normais e pragmáticas (MAZZOLENI, 1994), estas últimas subdivididas em quatro tipos: **temática**, **sentença do 'holandês'**, **imperativa**, **do ato de fala** aos quais Dancygier e Sweetser (1996, 2000) acrescentam mais um: **metalinguística**. A presente pesquisa visa a examinar as interlocuções na modalidade oral a fim de verificar os tipos de CCs, sua expressão (se explícita ou implícita; se prepostas ou pospostas à oração principal) e as funções discursivas que as CCs exercem nesse contexto. Para tanto, deve responder às seguintes perguntas de pesquisa: (a) Que tipos de CCs ocorrem nas interlocuções orais? (b) Como é realizada a condição nessas interlocuções? (c) Que funções discursivas são realizadas pela condição? Para a análise das CCs na entrevista, recorreremos às classificações tipológicas de Thompson e Longacre (1985) e de Mazzoleni (1994); quanto às funções discursivas, apoiamo-nos em Haiman (1978), Fauconnier (1985; 1997 *apud* DANCYGIER; SWEETSER, 2000) e Auer (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Gramática; Oral; Construções Condicionais; Tipos e Funções discursivas.

¹ Ela também as denomina construções condicionais

ABSTRACT

The subordinating adverbial clauses have been studied taking into account its syntactic function, that is, its structure (the concept of a subordinating clause). In this approach, there is a main clause and another one, which is subordinate to that generally through a number of subordinating conjunctions. However, its discourse functions, that is, what these clauses are for, have not been widely researched. In this context, this research focuses on the subordinating adverbial clause, broadly speaking, the condition – in clauses started, not necessarily, by conditional subordinating conjunctions, including the condition without indication by means of connectors – which herein will be called conditional construction (henceforth, CC) and the discourse functions performed by them in interlocutions that took place in interviews documented by *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (NURC)*, by Castilho and Preti (1986). The CCs are traditionally considered as constituted by two parts: the so-called subordinating adverbial clause and the main clause (Bechara, 1969). On the other hand, Moura Neves (1999), studying the CCs from the logical-semantic point of view, says that, inside a CC the subordinate *proposition* is commonly called *protasis* and the main clause *apodosis*. According to Ikeda (2002), apud van der Auwera (1997), the CCs have been researched by the western linguistics for more than fifty years, being Bolinger (1952) its precursor. According to Bloor (1998), the CCs have aroused great discussions among several fields of study. Thus, it has been so in the philosophy field (JACKSON, 1991); linguistics (discourse analysis) (HORSELLA; SINDERMANN, 1992); law (CRYSTAL; DAVY, 1969); economics (MEAD; HEDERSON, 1983; PINDI; PINDI, 1987). The study of the CCs is important as it involves questions concerning persuasion – currently considered one of the most important language functions – especially the ones done implicitly. The CCs perform discourse functions such as (i) the constraint of the development of the message in the clause (HAIMAN, 1978), through the topicalization function (ii) the creation of 'possible worlds' (FAUCONNIER, 1985; 1997 apud DANCYGIER; SWEETSER, 2000); (iii) assuaging of face-threatening acts (BLOOR, 1998); (iv) epistemic or deontic modalization (AUER, 2000), (v) appraisal in CC proposals (AUER, 2000) and (vi) summary/repetition (AUER, 2000). More recent literature cites different types of CCs, among normal CCs and pragmatic CCs (MAZZOLENI, 1994), the latter subdivided into four types: **thematic, the 'Dutch' sentence, imperative, the act of speech** to which Dancygier e Sweetser (1996, 2000) added one more: **metalingüístico**. The current research aims to examine the interlocutions within the oral mode in order to check the types of CCs, their expression (whether explicit or implicit; whether placed before or after the main clause) and the discourse functions that the CCs perform in such context. Therefore, it must answer the following questions: (a) What types of CCs are found in oral interlocutions? (b) How is the Condition realized in these interlocutions? (c) Which discourse functions are realized by the CCs? To analyze the CCs in the interview, we will refer to Thompson and Longacre's typological classifications (1985) and Mazzoleni's (1994); as for discourse functions, we rely on Haiman (1978), Fauconnier (1985; 1997) e Auer (2000), among others.

Keywords: Grammar. Oral. Conditional Constructions. Discourse types and functions.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Período composto por subordinação, envolvendo CC	16
Quadro 2 – CC de Atos de Fala	28
Quadro 3 – Resumo da classificação tradicional das CCs	36
Quadro 4 – A classificação de Bloor	37
Quadro 5 – Os tipos de CCs pragmáticas	37
Quadro 6 – Os tipos de CCs examinados no diálogo analisado	38
Quadro 7 – As funções das CCs no discurso	38
Quadro 8 – Os tipos de CCs (resumido)	40
Quadro 9 – As funções das CCs no discurso (resumido)	40
Quadro 10 – CCs de conteúdo	66
Quadro 11 – CCs pragmáticas	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de CC	62
Tabela 2 – A Expressão da CC	67
Tabela 3 – Função discursiva da CC	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Justificativa	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	Linguística Crítica e Análise de Discurso Crítica	19
2.2	As CCs nas línguas naturais e na lógica	20
2.2.1	As construções hipotéticas estendidas	23
2.3	As CCs pragmáticas	25
2.4	As funções discursivas das CCs	29
2.5	A expressão da CC	33
3	METODOLOGIA	39
3.1	Dados	39
3.2	Procedimentos de Análise	40
4	ANÁLISE	42
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	62
5.1	Tipos de CCs	62
5.1.1	As CCs Reais Habituais	62
5.1.2	As CCs Reais Presentes	63
5.1.3	As CCs Hipotéticas	64
5.1.4	As CCs Epistêmicas	65
5.1.5	As CCs do Ato de Fala	66
5.1.6	As demais CCs	66
5.2	A expressão da CC	67
5.3	A função discursiva das CCs	68
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
	ANEXO	74

1. INTRODUÇÃO

As orações subordinadas adverbiais têm sido estudadas em sua função sintática, isto é, na sua estrutura (o 'o que é' uma oração subordinada). Nesse enfoque, há uma oração principal e uma outra que se subordina àquela através, em geral, de conjunções subordinativas. Porém, as suas funções discursivas, (i.é, o 'para que servem' essas orações) não têm sido objeto de muita pesquisa.

Nesse contexto, esta pesquisa enfoca a oração subordinada adverbial condicional, ou em termos mais amplos, a condição – em orações não necessariamente iniciadas por conjunção subordinativa condicional, incluindo a condição sem indicação por meio de conectivo - que chamaremos de 'construção condicional' (doravante, CC) e as funções discursivas por ela exercidas em interlocuções ocorridas em entrevistas documentadas pelo *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (NURC)*, de Castilho e Preti (1986).

Escolhemos estudar a condição na modalidade oral por dois motivos: (a) são poucos os estudos sobre o assunto nessa modalidade. Assim, só mais recentemente, a CC começou a ser estudada em contexto de uso natural, deixando o terreno exclusivo do texto escrito; no Brasil, Ikeda (2002) cita os estudos de Neves (1999) e Ferrari (1999, apud NEVES, 1999); (b) julgamos essencial o exame da modalidade oral, pois é aquela que o falante já domina antes de iniciar a escrita. Estudos sobre outros tipos de oração subordinada mostram que há considerável diferença entre as sintaxes das modalidades oral e escrita - como é o estudo sobre a concessão² - fator que interfere na qualidade da escrita.

Egins e Slade (1997) afirmam que a conversa tem sido analisada sob várias perspectivas, tais como, a abordagem sociológica, filosófica, linguística e semiótica crítica, todas fazendo importantes contribuições na direção da compreensão da natureza do discurso falado. A presença da interação falada no cotidiano tornou-a um domínio interessante de estudo para pesquisadores de base etnometodológica, sociolinguística, filosófica, estruturalista-funcionalista e semióticos social. Na etnometodologia, novos modos de pensar a conversa emergiram nos anos 70, como a Análise da Conversa, nos trabalhos de Sacks, Schegloff, Jefferson (1974) e seus seguidores; a abordagem sociolinguística surgiu de conexões interdisciplinares entre

² Ikeda, comunicação pessoal, Atitudes e Avaliações no Discurso, Pós- Lael, PUC – SP, 1º semestre de 2010.

a sociologia/antropologia e a linguística; da sociolinguística, há contribuições emergindo do trabalho de Hymes, na Etnografia da Fala (1972), e Gumperz (1982) na Sociolinguística Interacional, incluindo o trabalho de Labov e Waletzky (1967) e associados, na Teoria da Variação. De uma perspectiva mais lógico-filosófica, tanto a teoria dos atos de fala quanto à pragmática acrescentaram importantes intravisiões para a compreensão de como as pessoas interpretam a conversa. E, na linguística, o estudo da conversa tem sido focado mais ativamente por abordagens interessadas não só na estrutura, mas também na função do discurso autêntico, notavelmente a Escola de Birmingham School e a Linguística Sistêmico-Funcional. Mais perspectivas recentes têm emergido de orientações sócio-semióticas, que surgiram da conexão interdisciplinar entre a linguística e a teoria crítica e cultural, incluindo a Linguística Crítica e a Análise de Discurso Crítica (ADC).

De acordo Ikeda (2002), que cita van der Auwera (1997), as CCs vêm sendo pesquisadas na linguística ocidental há mais de meio século, tendo sido seu estudo iniciado por Bolinger (1952). Bloor (1998) mostra que as CCs têm atraído ampla discussão em vários campos de estudos. Assim tem sido na filosofia (JACKSON, 1991); na linguística (análise do discurso) (HORSELLA; SINDERMANN, 1992); em direito (CRYSTAL; DAVY, 1969); na economia (MEAD; HEDERSON, 1983; PINDI, 1987).

O estudo das CCs é importante por envolver questões relacionadas à persuasão - hoje considerada uma das funções mais importantes da língua - em especial a que se faz implicitamente. As CCs servem a funções discursivas como as de: (i) restrição do desenvolvimento da mensagem na oração (HAIMAN, 1978), através da função de topicalização; (ii) criação de 'mundos possíveis' (FAUCONNIER, 1985; 1997 *apud* DANCYGIER; SWEETSER, 2000); (iii) amenização da ameaça à face (BLOOR, 1998); (iv) modalização epistêmica ou deôntica, (v) avaliação em CCs pospostas e (vi) resumo/repetição. Os casos (i) e (ii) - topicalização e criação de mundo possível - em geral confundem-se, mas a análise mostrou que, em caso de CC epistêmica (e.g. 'Se ele procurou terapia é porque estava mal'), a função da CC é de topicalização, pois trata-se de fato conhecido ('ele procurou terapia'), não podendo ser de criação de mundo possível.

As CCs são tradicionalmente consideradas como constituídas por duas partes: a chamada oração subordinada adverbial condicional e a oração principal

(BECHARA, 1969). Por outro lado, Neves (1999), estudando as CCs³ do ponto de vista lógico-semântico, diz que, dentro de uma CC a *proposição* subordinada é tradicionalmente chamada *prótase* e a principal é chamada *apódose*. Veja uma ilustração com um exemplo: **Se** *você economizar bastante, (então) poderá comprar o Toyota.*

<i>Se você economizar bastante,</i>	<i>poderá comprar o Toyota.</i>
oração subordinada adverbial condicional	oração principal
PRÓTASE	APÓDOSE

Quadro 1 - Período composto por subordinação, envolvendo a CC.

A relação que se instaura entre o conteúdo da prótase (entidade **p**) e o conteúdo da apódose (entidade **q**) continua a autora, é uma relação do tipo *condição para realização* → *consequência da resolução da condição enunciada*. É óbvio, diz ela, que o uso linguístico real das CCs não reflete pura e simplesmente a condicionalidade definida numa implicação lógica **se** → **então**, isto é, não exige uma relação condicional de valores de verdade, fato que tem sido frequentemente ressaltado por Haiman (1978) e Comrie (1986), segundo ela.

Gama Kury (1970) apresenta as seguintes conjunções: (introduzindo orações desenvolvidas): *se, caso, sem que, se não, contanto que, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, a não ser que, etc.* e (introduzindo reduzida de infinitivos): *a, sem, na hipótese de, no caso de, etc., além das construções constituindo as reduzidas de gerúndio.*

Um assunto com o qual se depara uma pesquisa das CCs diz respeito à sua relação com os tempos verbais. Nessa questão, embora as gramáticas normativas da língua portuguesa não façam menção a ela, a gramática inglesa cita três tipos de CCs, em que cada tipo envolve um diferente par de tempos verbais, admitindo certas variações (ALLEN, 1965). Quem estudou inglês sabe que as seguintes formas, consideradas básicas, são importantes nas lições dessa língua:

- (a) *CC de fato provável:* Se estudar, ele passará no exame.
- (b) *CC de fato improvável:* Se ele estudasse, ele passaria no exame.
- (c) *CC de fato impossível:* Se ele tivesse estudado, ele teria passado no exame.

³ Ela também as denomina construções condicionais

A expressão efetivada pela relação entre condição e realidade/irrealidade será importante nas considerações das funções pragmáticas das CCs, como veremos. Bloor (1998) faz um estudo pormenorizado, envolvendo essas questões.

Por outro lado, o estudo das funções das CCs relaciona-se também com diferentes tipos de CCs, que a literatura mais recente distribui entre CCs normais e pragmáticas (MAZZOLENI, 1994), estas, subdivididas em quatro tipos: temática, sentença do 'holandês', imperativa, do ato de fala aos quais Dancygier e Sweetser (1996, 2000) acrescentam mais um: metalinguística.

A presente pesquisa visa a examinar as interlocuções na modalidade oral a fim de verificar os tipos de CCs, sua expressão (se explícita ou implícita; se prepostas ou pospostas à oração principal) e as funções discursivas que as CCs exercem nesse contexto. Para tanto, deve responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- (a) Que tipos de CCs ocorrem nas interlocuções orais?
- (b) Como é realizada a condição nessas interlocuções?
- (c) Que funções discursivas são realizadas pela condição?

Para a análise das CCs na entrevista, recorreremos às classificações tipológicas de Thompson e Longacre (1985) e de Mazzoleni (1994); quanto às funções discursivas, apoiamo-nos em Haiman (1978), Fauconnier (1985; 1997, *apud* DANCYGIER; SWEETSER, 2000) e Auer (2000), dentre outros.

Esta pesquisa está dividida nas seguintes partes:

Introdução: em que fazemos considerações sobre a importância do estudo das CCs e tecemos as considerações iniciais sobre os estudos já realizados a respeito do tema. **Fundamentação Teórica:** em que apresentamos as propostas teóricas para a realização da análise das CCs. **Análise e discussão dos resultados:** em que fazemos um levantamento e classificação das ocorrências de CCs e refletimos a respeito dos dados encontrados.

1.1 Justificativa

O interesse pela pesquisa das CCs surgiu em situações de sala de aula, envolvendo assuntos de caráter mais amplo, ou seja, os que se relacionavam com a dificuldade geral do aluno com a modalidade escrita.

Por que um falante nativo da língua portuguesa, que se expressa bem oralmente, comete falhas notáveis quando tenta colocar suas ideias no papel? Por que uma pessoa que conhece as regras morfosintaxe de sua língua, que faz escolhas lexicais acertadas, convenientes ao contexto de uso não consegue fazer o mesmo na modalidade escrita?

Era evidente que havia algum problema no limiar entre oral e escrita, algum fator de desajuste entre um e outro, que não permitia a acomodação do conteúdo veiculado pela fala à nova situação representada pela representação grafêmica. Foi assim que decidimos ir à fonte: examinar a modalidade oral, focalizando as construções que a realizavam. Como primeiro passo, elegemos as CCs, e já podemos adiantar que há muitas diferenças entre a condicionalidade tal como é expressa no oral e aquela exigida na escrita.

Somente um diagnóstico da linguagem que o discente traz para a sala de aula, com suas características morfosintaxe típicas, mais a compreensão das funções que elas exercem no contexto de uso, podem esclarecer e fazer entender a distância que separa o oral da escrita.

Acredito que uma abordagem que combine a questão sintática com a discursiva, envolvendo interlocuções do dia a dia, as relações interpessoais, possa contribuir para um encaminhamento de aulas mais interessantes, em especial, das construções subordinadas, no caso, as CCs.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Início este capítulo tratando da Análise do Discurso Crítica, que, por meio de instrumentos linguísticos, traz à tona a ideologia, normalmente escondida pela habitualização do discurso (FOWLER, 1991) e, a seguir, examino as CCs nas línguas naturais e na Lógica; apresento, então, os tipos de CC e a expressão (explícita/implícita) da CC, tendo sempre em vista a função discursiva da CC.

2.1 Linguística Crítica e Análise de Discurso Crítica

Tanto a Linguística Crítica quanto a Análise Crítica do Discurso têm a perspectiva crítica em comum e vêm as microinterações do dia a dia, como realizações de estruturas macrossociais. Compartilham, também, um enfoque na relação entre língua, ideologia e poder e a relação entre discurso e mudança social.

As pesquisas sobre o discurso envolvem muitas disciplinas: antropologia, linguística, sociologia, psicologia, etc. Assim, há, não só muitas abordagens que estudam o discurso, mas também muitos métodos para sua descrição (VAN DIJK, 1985). Contudo, em termos gerais, diz Fairclough (1992a), as pesquisas sobre o discurso costumam ser agrupadas, de acordo com a natureza de sua orientação, em *abordagens críticas e abordagens não-críticas*.

As abordagens críticas diferem das abordagens não-críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, continua o autor, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias, bem como pelos efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é, em geral, aparente para os participantes do discurso.

A abordagem crítica do discurso inclui a Linguística Crítica, de Fowler *et al* (1979) e Fowler (1991); o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992a, 1992b); a abordagem da análise do discurso desenvolvida por Pêcheux (1982); os estudos culturais desenvolvidos mais recentemente (SCANELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero (CAMERON, 1985, 1990, CALDAS-COUTHARD E COUTHARD, 1996), entre outros. E, embora Voloshinov tenha estabelecido em fins dos anos vinte os princípios para uma análise crítica, e Firth tenha sugerido por volta de 1935 que a língua é não só um modo de uma pessoa se comportar, mas também de fazer os outros se comportarem, foi somente nos anos 80 que a orientação crítica começou a se impor.

Focalizemos nossa atenção na Linguística Crítica. Diz Fowler (1991) que todos reconhecem a importância da língua no processo da construção do discurso, mas, na prática, a língua tem recebido um tratamento relativamente pequeno. Assim, seu objetivo é dar à língua a devida importância, não somente como um instrumento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação.

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica: a seleção lexical, a opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, também diferenças de representação. Por isso, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores, diz ele. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica, que propõe uma análise

usando instrumentos linguísticos próprios e com referência a contextos históricos e sociais relevantes, para trazer a ideologia, normalmente escondida pela habitualização do discurso, à superfície para inspeção (FOWLER, 1991, p. 89, tradução nossa).

Nas ciências sociais e nas humanidades, o termo 'crítica' é em geral usado para referir-se a perspectivas teóricas e metodologias que têm como objetivo alterar a ordem social e política existente.

2.2 As CCs nas línguas naturais e na lógica

Segundo Sweetser (1990), tem sido observado que o uso da CC em línguas naturais não é idêntico ao da condicional definida pela lógica 'se-então' (\Rightarrow). Os falantes de línguas naturais rejeitam as condicionais logicamente bem formadas e 'verdadeiras' como:

(1) Se Paris é a capital da França, dois é um número par.

Ocorre que os falantes de línguas naturais requerem mais do que valores verdade para aceitar uma CC como bem formada: eles requerem a consideração da conexão entre as duas orações, pois usam a CC para falar sobre coisas *relacionadas*. O antecedente e o conseqüente das condicionais indicativas e contrafatuais não estão apenas ordenadas sequencialmente, mas estão 'causalmente' relacionadas entre si (o que pode não acontecer no caso das

condicionais lógicas). (1) é estranha porque não podemos imaginar uma relação entre os conteúdos da prótase e da apódose. Van der Auwera (1986, apud SWEETSER 1990) argumenta em favor da "Tese da Condição Suficiente", isto é, 'se p, então q', significa 'p é uma condição suficiente para q'.

A propósito, Dancygier e Sweetser (2000) apontam para o fato de que a conjunção 'se' não é lexicalmente causal. No domínio do conteúdo, as CC expressam causa ou capacitação, mas a causalidade entra na interpretação do conteúdo condicional pela função primária das condicionais, ou seja, a predição (portanto, como um todo). Deve-se notar, no entanto, dizem elas, que a causalidade envolvida nas CCs refere-se a causas hipotéticas (ex.: *Se Maria for, João irá também*).

Para Akatsuka e Strauss (2000), a visão de que, subjacente à CC contrafactual, haveria um raciocínio logicamente complexo, deve-se ao contexto teórico que iguala a condição das línguas naturais à da matemática. Nesse sentido, as autoras criticam o modelo dos espaços mentais, de Fauconnier (1985 *apud* AKATSUKA & STRAUS, 2000), que não se separa da tradição da lógica formal, e, além disso, dá a palavras individuais o poder de construir um espaço mental (ex.: 'se' em: *Se Lucky tivesse ganho eu seria rico*). Para elas, falta ao modelo considerar o fato as construções contrafatuais envolverem um elemento subjetivo (a atitude mental do falante), de avaliação, no caso, de desejabilidade/ indesejabilidade.

Por seu lado, Comrie (1986) e Dancygier e Sweetser (1996) distinguem a condição da lógica formal e a das línguas naturais mostrando que o 'se' da CCs não é o 'iff' (se e somente se), que envolve as condições necessária e suficiente. Em (2) *Se Maria for, João irá*, a interpretação óbvia será que João: (a) *irá se Maria for*; (b) *não irá se Maria não for*. Dizendo a (2), o falante não está considerando outras possibilidades, mas apenas a possibilidade de 'Maria ir' em contraste com a possibilidade de 'Maria não ir'. A estrutura de raciocínio 'iff', ou seja, a prótase ser tomada como sendo não meramente uma condição suficiente, mas também necessária para a apódose, não é parte da semântica do 'se'; a interpretação 'iff', que normalmente parece prevalecer nesse caso, isto é, 'João irá somente se Maria for' não é uma propriedade lógica da semântica formal de uma CC (ou seja, numa CC, basta a condição suficiente). Comrie diz que (b) decorre conversacionalmente da afirmação de (a): há uma implicatura conversacional de que pelo menos é improvável que *John vá se Maria não for*. (Em termos de espaços mentais, um deles

é estabelecido mais saliente e diretamente que o outro. No exemplo, é o espaço da vinda de João e não o da não-vinda, que importa).

Outra questão relacionada às CCs é tratada por Thompson e Longacre (1985). Os autores referem-se a uma distinção básica entre tipos de CCs, feita pela maioria das línguas, segundo eles: trata-se da distinção entre CCs *reais* e CCs *irreais*. As reais referem-se ao presente 'real', 'habitual' (ou 'genérico') ou situações passadas:

(a) CCs reais:

Presente: Se estiver chovendo, meu carro estará se molhando.

Habitual: Se você breca, o carro para.

Passado: Se você foi à festa, então você sabe sobre Sara e João.

(b) CCs irreais:

O termo 'condicional irreal' é usado para condicionais que se referem a situações 'irreais'. Há dois tipos delas: aquelas nas quais *imaginamos* o que 'poderia ser' ou o que 'poderia ter sido', e aquelas nas quais *predizemos* o que será. São as imaginativas e as preditivas, respectivamente.

- *Imaginativa:*

Hipotética: Se eu visse o David, eu falaria alemão com ele.

Contrafactual: Se você tivesse ido ao concerto, você teria visto Ravi Shankar.

- *Preditiva:* Se ele conseguir o emprego, vamos comemorar.

Nesse contexto, Allen (1965), pesquisando na língua inglesa, apresenta a seguinte classificação, de caráter mais amplo, que vale também para o português:

(a) CC de fato possível: Se estudar, ele passará no exame.

(b) CC de fato improvável: Se estudasse, ele passaria no exame.

(c) CC de fato impossível: Se tivesse estudado, ele teria passado no exame.

A análise da entrevista, foco desta pesquisa, mostra que na classificação de Allen não há lugar para casos como:

- (3) meu conhecimento sobre São Paulo é muito restrito se comparar com papai, por exemplo ...

que não é caso de CC possível, nem improvável, nem impossível. Este é um caso que a classificação de Thompson e Longacre (1985) chamaria de 'real', pois a comparação está sendo feita realmente, e a CC aí está com a função de modalizar a afirmação anterior. Assim, preferimos adotar em nossa análise a classificação de Thompson e Longacre (1985).

As orações adverbiais têm considerável relevância na estrutura do parágrafo e do discurso. As chamadas margens em relação ao núcleo (LONGACRE, 1966) são vãos (*slots*) funcionais, que podem ser preenchidas por orações adverbiais ou encaixadas de estrutura interna complexa. Elas podem ser usadas para prover a coesão do discurso mantendo a perspectiva do discurso e ajudando a articular as partes do discurso.

Porém, segundo Thompson e Longacre (1985), a codificação desses tipos de condicional varia: há línguas que não distinguem as hipotéticas das contrafatuais, outras fazem distinção entre preditivas e imaginativas. Certas línguas também não fazem a distinção entre a 'oração-com-se' e 'oração-com-quando'.

2.2.1 *As construções hipotéticas estendidas*

Bloor (1998) examina a ocorrência das CCs em textos sobre predição econômica e pesquisa filosófica. O principal foco desse estudo recai nas realizações léxico-gramáticas e textuais das CCs e na série de opções semânticas para tanto disponíveis. Isso envolve uma consideração da sobreposição de condição com *modalidade* e, menos significativamente, com a *finalidade*. Ele não trata das CCs *contrafatuais* ou *impossíveis*, na classificação de Allen (1965): e.g. Se eu tivesse feito, mas não fiz, já que elas não ocorrem em predições, segundo o autor. Mas, antes, Bloor (1998) apresenta um estudo de Pindi e Bloor (1987) sobre as construções *hipotéticas estendidas* (isto é, em que leitor precisa imaginar uma série

de situações hipotéticas dentro de um mesmo contexto amplo), e que, segundo Pindi e Bloor, têm sido geralmente negligenciadas na discussão de CCs. Sobre essas construções, eles especificam as probabilidades de ocorrência de um evento, apontando as condições existentes em cada um dos casos: *suficiente*, *necessária*, *intensificadora* e *concessiva*.

(a) **Condição suficiente**, quando a concretização da previsão resulta da realização da condição, mas poderia resultar de outras condições (tipicamente 'se p').

(4) Ao mesmo tempo, a recuperação econômica agora a caminho pode não ser suficientemente vigorosa se a real taxa de juros persistir. (Pindi)
[*At the same time the economic recovery now underway may not be sufficiently vigorous if real rates of interest persist. (Pindi)*]

(b) **Condição intensificadora**, através da qual a realização da condição aumentaria as chances da concretização da previsão, mas não é necessária para isso (tipicamente: 'especialmente se p')

(5) De seu nível atual de aproximadamente 11%, algum abrandamento mais modesto nas taxas de longo período é possível especialmente se o resultado das eleições levarem a mais um fortalecimento da taxa de câmbio. (Pindi)
[*From their present level of around 11%. some further modest easing in long-term rates is possible especially if the election result leads to a further strengthening of the exchange rate. (Pindi)*]

A 'condição intensificadora' simplesmente aumenta a probabilidade de que a predição será cumprida. O fato é que a condição aqui é explicitamente não essencial para o cumprimento da predição expressa no consequente e o autor sinaliza que a predição pode se sustentar sem a condição, embora a condição possa ajudar no cumprimento da predição.

(c) **Condição necessária**, quando a concretização de uma previsão exige a realização da condição (tipicamente 'somente se p').

(6) Então, uma queda nas taxas monetárias holandesas ou no dólar pode ser afetada apenas se as taxas de juros dos EUA caírem mais ou o dólar começar sua longa e esperada 'downtrend'. (Pindi)
[*Therefore, a fall in Dutch money rates or the dollar can be affected only if US interest rates fall further or the dollar starts its long awaited downtrend. (Pindi)*]

Nem sempre é possível distinguir as condições 'suficiente' e 'necessária', já que na língua natural 'apenas' é frequentemente omitido, mas a diferença geralmente pode ser inferida do contexto linguístico ou do contexto de situação, dizem os autores.

2.3 As CCs pragmáticas

Para Dancygier e Sweetser (1996), há pelo menos duas correntes de pesquisa sobre as CCs: uma lógica e uma pragmática. **Filósofos e semânticos** formais têm visto as CCs como reflexo de estruturas semânticas lógicas tal como a implicação material ou mais recentemente como a descrição de mundos possíveis. Já a análise **pragmática** tem interesse no modo como as CCs refletem estruturas não-lógicas, tais como a modalização (*hedging*) nas condições sociais de felicidade dos atos de fala. Nesse contexto, Mazzoleni (1994) fala em CCs conteúdo (que ele chama de normais ou preditivas) e CCs pragmáticas.

Para Sweetser (1990), a CC de conteúdo ou de 'mundo real', é o caso em que a conjunção condicional indica que a realização do evento ou estado de coisas descritas na prótase é condição suficiente para a realização do evento ou estado de coisas descritas na apódose. Assim, (2) significa que se o estado de coisas do mundo real inclui a ida de Maria, então também incluirá a ida de João:

(2) Se Maria for, João irá.

Assim também, para Mazzoleni, no caso da CC de conteúdo, o falante, enunciando a prótase, hipotetiza a proposição que serve como uma condição para a proposição expressa pela apódose. Mas, continua ele, na conversa diária, a (7), por exemplo:

(7) Se economizarmos neste mês, teremos o suficiente no mês que vem.

sugere que economizar neste mês (i.e., p) resultará em ter o suficiente no mês seguinte (i.e., q). Em termos de Geis e Zwicky (1971, *apud* MAZZOLENI, 1994), a

sentença do tipo 'se p, q' envolve, pragmaticamente, a *inferência convidada* 'se não p, não q', caso de implicatura conversacional em (7'):

(7') Se não economizarmos neste mês, não teremos o suficiente no mês que vem.

Na classificação das CCs pragmáticas, Mazzoleni alista quatro possibilidades: epistêmica, sentença do 'holandês', imperativa, ato de fala às quais Dancygier e Sweetser (1996, 2000) acrescentam mais uma: metalinguística.

- **CC epistêmica** (também chamada de temática ou resumidora) - A relação sentença, da CC, expressa a ideia de que o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para concluir pela verdade da proposição expressa na apódose: o conhecimento causa a conclusão. Talvez sejam mais usadas para contextualizar conclusões afirmadas, no sentido de Haiman (1978), para quem a CC é Tema da oração. Assim, a prótase expressa uma proposição que é verdadeira em virtude da relação entre o conteúdo proposicional e:

- a enciclopédia: Se a manteiga eleva o colesterol, vamos ficar no azeite⁴.
- o contexto situacional: Se eu estou aqui, depois de tudo, é porque eu te perdoei.
- o contexto linguístico: A: Eu não quero ir ao cinema.
B: Se você não quer ir ao cinema, ficamos em casa.

A verdade inquestionável de p bloqueia a inferência convidada, e daí poder ser aplicada a *modus ponens*⁵, o que automaticamente leva à interpretação de q como verdadeira.

- **CC Sentença do holandês** - A apódose expressa uma proposição abertamente falsa, devido ao contexto situacional do enunciado, como em (8):

(8) Se você canta bem, eu sou o Sting.

⁴ São minhas as traduções dos exemplos de Mazzoleni.

⁵ *Modus ponens*: A premissa categórica (*eu não quero ir ao cinema*) afirma a proposição antecedente da premissa condicionante, e a conclusão (portanto, *ficamos em casa*) afirma o conseqüente (Copi, 1978).

A falsidade óbvia de q autoriza a inferência convidada, e daí a aplicação de *modus tollens*⁶, que automaticamente leva à interpretação de p como falsa. Um efeito similar (embora não idêntico à verdadeira 'sentença do holandês') pode ser obtido através de pelo menos 3 modos, ilustrados pelos exemplos:

(9) Se você é um policial, me mostra o crachá.

(10) Se você é tão esperto, porque não tem dinheiro?

(11) Se Amsterdam fica na Bélgica, então estamos na Bélgica.

- **CC Imperativa** (versão da CC hipotética)

A CC imperativa é em geral usada para realizar um ato de fala 'proposital' cuja meta principal é a realização de um efeito perlocucionário: o falante quer produzir ou evitar uma situação, cujo controle (pelo menos parcialmente) depende do ouvinte. Para isso, o falante pode contribuir :

- com efeitos desejáveis e daí comprometer-se ou dar conselhos:

(12) Me lava o carro e eu te dou cinco dólares.

- com efeitos não desejáveis e daí enunciar ameaças

(13) Diga isso outra vez, e eu te arrebento os ossos.

Na interpretação das CCs imperativas, o ouvinte age como se estivesse frente a versões de condicional de conteúdo (do tipo irreal/hipotético):

(14) Se você me lava o carro, te dou cinco dólares.

(15) Se você não me lavar o carro, eu não te dou cinco dólares.

- **CC de Atos de Fala**

Neste caso, o valor verdade de p não afeta o *valor verdade* de q, mas a felicidade do ato de fala realizado no enunciado. Conforme Dik (1990), as CCs de

⁶ *Modus tollens*: A premissa categórica (*eu não sou Sting*) nega a proposição antecedente da premissa condicionante, e a conclusão (*você não canta bem*) nega o conseqüente (Copi, 1978).

Ato de Fala (ou ilocucionárias) especificam a condição com respeito a propriedades do ato de fala realizado pelo falante. Em:

(16) Se você está com sede, tem cerveja na geladeira.

a oferta da cerveja está condicionada ao fato de o ouvinte estar ou não com sede, o que não afeta a 'presença' independente da cerveja na geladeira.

Diferentes tipos de ato de fala podem ser condicionados desta maneira, tais como, oferta, elogio, pergunta, pedido e afirmações:

(17) Se é que eu posso dizer, você está ótima.

(18) Se eu não for indiscreta, o que você fez ontem?

(19) Abra a janela, se você não se importa.

(20) Se você estiver interessado, o Corinthians ganhou.

Para Dancygier e Sweetser (1996, 2000), estas CCs envolvem barganha, questões de polidez, e têm em comum o fato de serem parafraseadas por "Se (prótase), então consideremos que eu realizo este ato de fala (i.e., o representado na apódose)", como em (21):

(21) Se é que eu posso dizer,	(digo):	você está ótima
<i>Prótase</i>	<i>apódose</i>	<i>ato de fala</i>

Quadro 2 - CC de Ato de Fala

- **CC metalinguística**

Dancygier e Sweetser (1996, 2000) acrescentam mais esta classificação, ilustrada pelo exemplo seguinte:

(22) Meu ex-marido, se essa é a palavra certa, foi visto em Las Vegas na semana passada.

Estas CCs não estabelecem dois espaços metalinguísticos alternativos. No exemplo acima, não há dois espaços de conteúdo separados (o espaço onde aquela

é a palavra certa e ele foi visto em Las Vegas, e outro onde aquela não é a palavra certa e ele não foi visto em Las Vegas). Qualquer que seja a palavra, o falante pretende expressar incondicionalmente que o homem foi visto em Las Vegas.

Na medida em que, mesmo a CC de conteúdo envolve não só a inferência convidada, mas também, inferências que dependem de seu contexto de uso, em especial em casos de CCs expressas implicitamente, acreditamos que a distinção entre CCs de conteúdo e CCs pragmáticas, nesse contexto, deixa de ter razão de ser.

2.4 As funções discursivas das CCs

Auer (2000) trata da ocorrência de CCs em posição antes e depois da oração principal. A pré-posição das orações condicionais relaciona-se com o ato de fala (cf. CC de Ato de Fala, citada acima), ou seja, as orações não conjugadas no nível do conteúdo são frequentemente usadas para suavizar ameaças de face subsequentes. Nesse caso, a apódose é afirmada independentemente da prótase, e essa independência faz corresponder uma sintaxe obrigatória de preposição, no alemão, segundo Auer, mas o fato se verifica também no português, como se vê em (16), que repetimos:

(16) Se você está com sede, tem cerveja na geladeira.

Segundo Auer (2000), parece haver uma ‘naturalidade’ cognitiva no modo como as condicionais criam um pano de fundo – ou, em palavras mais recentes, mas igualmente metafóricas, estabelecem um ‘espaço mental’ (FAUCONNIER, 1985 *apud* AKATSUKA) – no qual alguma proposição hipotética ou factual está localizada.

Por razões cognitivas, é o pano de fundo que (iconicamente) precede a proposição focal, e não o contrário. Ford (1993), por exemplo, sugere que ‘a prevalência das CCs iniciais pode refletir uma tendência geral para sinalizar que a interpretação da oração vindoura, será de modo geral, limitada pelo conteúdo da CC. Mais evidência da ‘naturalidade’ dessa posição pode ser derivada da afinidade das CCs e os instrumentos de introdução de Tema (HAIMAN,1978; FORD;

THOMPSON, 1986), e da afinidade entre as CCs e orações causais (onde a causa iconicamente precede o efeito).

Essa projeção no tempo, continua o autor, embora não tenha sido devidamente tratada, tem um lado interacional: o falante que abre *gestalts* sintáticos longínquos, pede o turno ao menos pelo tempo que é necessário para concluí-los de maneira bem formada. Ou seja, produzir uma CC dá ao falante o direito e a obrigação de continuar falando; ele funciona como um segurador-de-turno até que a formulação do conseqüente tenha sido completada.

Auer cita três casos de pré-posição das CCs, que se relacionam a funções discursivas da condição de: ênfase, topicalização e amenização:

- (a) **topicalização:** Haiman (1978) diz que as orações condicionais (prepostas à principal, ou integrativas) são Tema, ou seja, servem como uma força que restringe o desenvolvimento da mensagem na oração, estabelecendo um contexto local para o leitor antecipar e interpretar a mensagem da oração. Nesse sentido, o Tema estabelece os limites de aceitabilidade dentro dos quais o Rema pode ocorrer (MATTHIESSEN, 1995). Isto é, uma vez dado o elemento inicial na oração, a mensagem restante só pode desenrolar-se na porção remática, dentro de modos muito restritos. Como parte da estrutura da mensagem da oração, essa é a função central do elemento temático, que pode ser realizada pela CC.
- (b) **criação de mundo possível:** da perspectiva cognitivista, Fauconnier (1985, 1997 apud AKATSUKA), vê as CCs estabelecerem (além do espaço-base, isto é, o espaço real do falante e do ouvinte) um *mundo possível* - um espaço mental - no qual se constrói a oração principal (oração *então*) e no qual a CC serve de pano-de-fundo para essa oração. Por exemplo:

(23) Se seu computador ficar em ordem, **então** terminaremos o artigo na sexta-feira
CC

em (23), a CC estabelece um espaço (mental) em que o computador poderá estar consertado e, dentro desse espaço, o falante diz que o artigo será concluído na sexta-feira.

Como já fizemos ver, as funções de topicalização e de criação de mundo em geral confundem-se, excetuando-se o caso da CC epistêmica.

- (c) **amenização:** relaciona-se com a CC de ato de fala, frequentemente usadas para suavizar **ameaças de face** subsequentes, em que a apódose é afirmada independentemente da prótase:

(24) *Se eu puder continuar elaborando sobre isso, você sabe que na indústria de carros há muita competição...*

Além dessas funções, outras são citadas na literatura:

- (d) **modalização epistêmica e deôntica:** Pindi e Bloor (1987) afirmam que a CC coloca em geral limitações à certeza da proposição expressa na oração principal. Veja em (25) como o falante modaliza a afirmação que faz na oração principal (que, por sinal, está novamente modalizada com 'precisaríamos'):

(25) *Se o que eu disse até agora estiver correto, então [...], precisaríamos de uma psicosemântica para explicar 'wide content'...*
[If what I have been saying so far is correct, then [...], we would need a psychosemantics explaining wide content in order to ground the notion of narrow content. (ML)]

Esse tipo de construção, como Pindi e Bloor (1987) argumentam, têm muito em comum com modalizadores uma vez que a CC coloca em geral limitações à certeza da proposição expressa na oração principal. Halliday e Hasan (1976) tornam esse aspecto bastante explícito e indicam a conexão com a realização alternativa da CC através da inversão no Mood: F[^]S, onde F é um modal finito (e.g., *should he be*):

Da mesma maneira podemos interpretar *se ele estiver certo* como uma modalidade, similar à “possivelmente ele está certo: nesse caso...”; e novamente há uma forma modalizada ou a expressão de uma condicional: *should he be right* (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.135-136, tradução nossa)

Há no inglês algumas condicionais menos comuns que realizam um tipo de função modal, transmitindo o significado *se eu estiver certo*. São um tanto comuns na conversa em inglês. CCs formulaicas (veja exemplos a seguir) frequentemente

expressam significados interpessoais de um tipo modal: formas de modalidade **epistêmica** como: *se eu não estiver enganado, se meus olhos não me traem, a menos que eu esteja dando murro em ponta de faca* (compare com a estrutura paratática: *Eu poderia estar errado mas [...]* ou a efetiva estrutura modal projetada (com verbo mental 'achar' que 'projeta' uma oração substantiva (HALLIDAY, 1994): *eu acho que estou certo em dizer[...]*. Possivelmente, diz Bloor, *please* é o vestígio de uma CC *if it pleases you*.

A modalidade **deôntica** ocorre em expressões como *se eu puder, se eu pudesse, se você deve* (em geral, sem predicador explícito). Na interação face a face, algumas dessas expressões podem até ocorrer sem um conseqüente ou outro cotexto, que as relacionem a uma ação física: e.g. *If I may* (abrindo a janela).

O exemplo seguinte é ainda mais evidente de CC carregada de modalidade com a oração na posição temática. A CC em questão expande-se para uma outra CC complexa.

- (26) *Se o que eu estou dizendo até agora estiver correto, então se fossemos formular explicitamente uma teoria do 'conteúdo estreito', precisaríamos de um psicosemântica explicando o 'conteúdo amplo' para embasarmos a noção de 'conteúdo estreito' (ML⁷)*
[If what I have been saying so far is correct, then if we were to explicitly formulate a theory of narrow content, we would need a psychosemantics explaining wide content in order to ground the notion of narrow content. (ML)]

A modalidade aqui opera em duas direções: anaforicamente ao texto anterior, indicando reservas epistêmicas quanto à verdade das observações e cataforicamente em direção à oração complexa que a domina, indicando a certeza epistêmica (inevitabilidade lógica) da oração complexa dominante (seu conseqüente), dada a exatidão das observações em questão.

Em oposição à pré-posição, a posição final será preferida, segundo Ford e Thompson (1986, p. 359), "quando a CC ocorre dentro de uma nominalização, um infinitivo ou uma oração relativa". Para Auer (2000), há também razões semânticas para a posposição.

(e) avaliação: A CC com função de complemento é em geral posposta. Como regra, a oração principal contém um predicado avaliador de dois lugares, com a oração condicional expressando a proposição avaliada.

⁷ Mind and Language, *apud* Bloor 1998

(27) O melhor seria se você concordasse com ele.

A outra posição existe, mas é rara.

- (f) **resumo/afterthought:** A posposição mais importante liga-se ao status pragmático da proposição expressa, e às possibilidades interacionais que a posição abre tanto para o falante quanto para o ouvinte. A oração condicional funciona como um acréscimo (*afterthought*) ou epexegeesis (AUER, 1991). A possibilidade de tal expansão pode pertencer a ambos, e nesse caso, o falante se torna um cofalante e coprodutor do padrão sintático emergente, acrescentando uma CC.

A CC posposta pode apresentar uma feição pragmática importante: seu valor informacional baixo. Enquanto a CC preposta funciona na construção do 'espaço mental' necessário para concluir a oração principal, a CC posposta apenas resume o texto precedente, às vezes mudando ligeiramente o foco, ou seja, apenas repete o que é conhecido da conversação prévia.

Dos exemplos que examinamos, verificamos que, em muitas situações, a condição não é expressa pela conjunção 'se' e nem por formas tradicionalmente conhecidas. Vamos, pois, examinar como a condição é expressa.

2.5 A expressão da CC

Embora a maioria das realizações condicionais se faça através da conjunção 'se', há muitas realizações alternativas, como se vê nos exemplos seguintes:

(28) *Supondo-se que as disputas trabalhistas sejam satisfatoriamente resolvidas, pode-se esperar uma estabilização da moeda. [Se supusermos que as disputas ...]*

(29) *Baixasse o preço e meu filho compraria. [Se (ele) baixasse o preço, meu filho compraria.]*

Em (28) e (29), a condição não é expressa por conectivo, sendo, portanto, indicada de maneira nula. Sabemos pouco a respeito de como a relação de

condicionalidade pode ser expressa na língua portuguesa no uso da língua em situação real.

Por outro lado, em interlocuções orais, há possibilidades como a seguinte:

(30) Bobeou, dançou. [Se bobear, dançará] (IKEDA, 2002)

Como se vê em (30), nem sempre se respeita, na modalidade oral, a sequência de tempo prescrita pela gramática. Mesmo na escrita, essa situação não é rara. Assim, muitas realizações alternativas de CCs podem ser encontradas. As gramáticas incluem **supondo que** e **desde que** juntamente com o **se** como CCs.

(31) *Supondo que as atuais disputas trabalhistas na indústria alemã sejam resolvidas satisfatoriamente, as taxas do mercado monetário podem se estabilizar em torno dos níveis atuais ou mesmo se abrandarem ligeiramente.* (Pindi)
[Assuming that current labour disputes in German industry are satisfactorily resolved, money market rates can be expected to stabilize around present levels or even ease slightly [...]. (Pindi)]

(32) *Na suposição da continuação das políticas atuais, o crescimento GNP está previsto hoje para 4%.* (Pindi)
[On the assumption of a continuation of present policies, GNP growth is currently forecast at 4 per cent [...]. (Pindi)]

(33) *Supondo políticas inalteradas, o crescimento GDP pode continuar ao redor da mesma taxa.* (Pindi)
[Assuming unchanged policies, GDP growth may continue at about the same rate [...]. (Pindi)]

'Desde que' é normalmente uma condição essencial (se e somente se), como no exemplo:

(34) *Através de um horizonte a médio termo, a consequência de se prover algum apoio extra para um período curto pode não se avolumar em termos de tendência de inflação, desde que o apoio extra seja retirado a tempo.*
[Over a medium term horizon, the consequence of providing some extra support for a short period may not loom large in terms of the trends of inflation, provided the extra support is withdrawn in a timely fashion. (Pindi)]

Parece ser possível parafrasear 'dado que' com 'se', como atestam várias gramáticas. Aqui, as orações com 'dado que' têm o sentido de 'dado que p é o caso'; isso é, elas se referem a uma oração causal. Em geral, a oração não envolve uma oração-fato encaixada, a estrutura prototípica, mas consiste de 'dado' + Grupo Nominal. (Poderia ser feito, segundo Bloor, um estudo para analisá-la como uma frase preposicional no Adjunto, com 'dado' sendo considerada uma preposição;

'dado que' em orações finitas poderia ser analisado tanto como um verbo quanto como uma conjunção).

- (35) *Dado que eu aceite 'wide contents', se Boghossian estiver certo, terei que aceitar fatos do assunto sobre relações analíticas [...].(ML)*
[Given that I accept wide contents, if Boghossian is right, I will have to accept facts of the matter about analytic relations [...]. (ML)]

Algumas vezes, uma condição hipotética (possível) é realizada por uma frase preposicional como Adjunto.

- (36) *Não havendo mais queda na taxa de poupança, o consumo privado poderia aumentar 1.5 %. (Pindi)*
[With no further fall in the saving ratio, private consumption could rise by 1.5 per cent. (Pindi)]

Há, aqui, um paralelo claro com a CC de processo existencial:

- (36a) *Se não houvesse mais queda na taxa de poupança, o consumo privado poderia aumentar 1.5%. (Construída)*
[If there is no further fall in the saving ratio, private consumption could rise by 1.5 per cent. (Constructed)]

Um indicador mais oblíquo de hipoteticidade é o item 'algum'.

Um exemplo mais problemático de CC é o seguinte:

- (37) *É claro que, se a noção de 'conteúdo estreito' merece qualquer credibilidade, ela deveria caracterizar estados de crença nesse sentido [...]. (ML)*

A força primária da expansão aqui não é como uma modalidade parentética na oração dominante ou como uma condição essencial ou suficiente, mas, o autor suspeita que seja, primeiramente ou de modo saliente, ideacional; poderia ser parafraseado por uma oração modalizadora ('*eu não tenho certeza*' se a noção de "conteúdo estreito" tenha alguma credibilidade etc.), mas a discrepância entre a paráfrase e a força do original seria maior do que entre pares semelhantes. Em alguns aspectos isso se assemelha semanticamente à **oração final**. Compare a paráfrase abaixo:

- (37a) *Para que a noção de 'conteúdo estreito' tenha alguma credibilidade, ela deveria caracterizar estados de crença nesse sentido [...]. (Construída)*
[(In order) for the notion of narrow content to have any purchase, it should characterize belief states in this sense [...]. (Constructed)]

O último exemplo sugere um certo grau de confusão entre CC e oração final.

A CC no exemplo seguinte confirma isso.

- (38) *Dizer que alguém deva considerar certa frase como verdadeira, se ele quiser dizer isso por conta daquilo, não é o mesmo que dizer que a sentença seja verdadeira.*
(ML)
[To say that someone must regard a certain sentence as true, if he is to mean this by that, is not the same as saying that the sentence is true. (ML)]

Pindi mostra que estruturas com 'a menos que' são frequentes no corpus. Por exemplo:

- (39) *As taxas do dinheiro alemão poderiam, portanto, acalmarem-se de alguma forma no curso dos próximos meses, a menos que situação financeira recentemente melhorada nos EUA prove ter vida curta.* (Pindi)
[German money rates could, therefore, ease somewhat again in the course of the next few months unless the recent improved monetary situation in the US proves short-lived. (Pindi)]
- (40) *Relaxamento monetário adicional e assim uma calma a mais do dinheiro nas taxas do mercado alemão nos próximos meses é improvável a menos que as taxas de juros dos EUA abaxiem desse nível elevado em que se encontram [...].* (Pindi)
[Additional monetary relaxation and thus a further easing of German money market rates in the next few months is, therefore, improbable unless US interest rates come down from their present high levels [...]. (Pindi)]

Essas são formas alternativas de CCs negativas e não há razão de colocá-las em categorias separadas. Tanto a condição quanto o conseqüente podem ser negados e é claro que a diferença entre negativo e afirmativo é crucial, mas a relação oracional não é fundamentalmente afetada pela negação.

Antes de iniciarmos a análise da condição na entrevista, apresentamos um quadro que resume as categorias em que a condicionalidade tem sido especificada na literatura acima resenhada.

TIPOS DE CC	
Classificação tradicional	
(ALLEN, 1965)	
(a)	CC de fato provável: (1) <i>Se estudar</i> , ele passará no exame.
(b)	CC de fato improvável: (2) <i>Se ele estudasse</i> , ele passaria no exame.
(c)	CC de fato impossível: (3) <i>Se ele tivesse estudado</i> , ele teria passado no exame.
(THOMPSON; LONGACRE, 1985)	
(a) CC Real	<i>Presente:</i> Se estiver chovendo, meu carro estará se molhando.
	<i>Habitual:</i> Se você breçar, o carro para.
	<i>Passado:</i> Se você foi à festa, então você sabe sobre Sara e João.
(b) CC Irreal	<i>Imaginativa</i>
	hipotética: Se eu visse o David, eu falaria alemão com ele.
	contrafactual Se você tivesse ido ao concerto, você teria visto Ravi Shankar.
	<i>Preditiva</i> Se ele conseguir o emprego, vamos comemorar.

Quadro 3 - Resumo da classificação tradicional das CCs (CCs normais ou de conteúdo)

Em nossa análise, vamos adotar a classificação de Thompson e Longacre (1985), já que ela inclui as categorias propostas por Allen (1965).

Por outro lado, podemos ver que as categorias propostas por Bloor, no quadro abaixo, referem-se àquelas citadas tradicionalmente, com a distinção entre as CCs 'se' (condição suficiente) e CCs 'se e somente se' (condição necessária), além da condição intensificada e a que coloca em perigo a predição.

(BLOOR, 1998) [CCs pospostas]	
• Condição suficiente:	Ao mesmo tempo, a recuperação econômica agora a caminho pode não ser suficientemente vigorosa <u>se</u> a real taxa de juros persistir.
Podendo ser reforçada ou cancelada:	
• Condição necessária	Então, uma queda nas taxas monetárias holandesas ou no dólar podem ser afetadas <u>apenas se</u> as taxas de juros dos EUA
• Condição intensificada	De seu nível atual de aproximadamente 11%, algum abrandamento mais modesto nas taxas de longo período é possível <u>especialmente se</u> o resultado das eleições levarem a mais um fortalecimento da taxa de câmbio
• Condição antitética (cancela ou coloca em perigo a predição)	Por isso, o franco Belga pode ver sua posição um tanto fortalecida contra a marca-D, embora permitindo uma certa redução na elevadíssima taxa diferencial de 5-6. No entanto, haveria pouco espaço para declínio em taxas de curto prazo <u>se</u> os eurodólares aumentassem ainda mais.

Quadro 4 - A classificação de Bloor

As CCs pragmáticas examinadas na análise serão as propostas por Mazzoleni, conforme o Quadro 5:

TIPOS DE CC		
CCs pragmáticas (MAZZOLENI, 1994) [CCs prepostas]		
(a) Epistêmica	• a enciclopédia:	<i>Se a manteiga eleva o colesterol, vamos ficar no azeite.</i>
	• o contexto situacional:	<i>Se eu estou aqui, depois de tudo, é porque eu te perdoei.</i>
	• o contexto linguístico:	A: <i>Eu não quero ir ao cinema.</i> B: <i>Se você não quer ir ao cinema, ficamos em casa.</i>
(b) do Holandês:		<i>Se você canta bem, eu sou o Sting.</i>
(c) Imperativa:		<i>Me lava o carro e eu te dou cinco dólares.</i>
(d) Ato de fala:		<i>Se você está com sede, tem cerveja na geladeira.</i>
(e) Metalinguística:		<i>Meu ex-marido, se essa é a palavra certa, foi visto em Las Vegas na semana passada.</i>

Quadro 5 - Os tipos de CCs pragmáticas

Em resumo:

Para fins de seleção das categorias que integrarão a nossa análise, e de acordo com as observações acima, elaboramos o Quadro 6 com as CCs cuja presença será examinada em nossos dados.

CCs de conteúdo		
CC Real	<i>Presente:</i> Se estiver chovendo, meu carro estará se molhando.	
	<i>Habitual:</i> Se você breca, o carro para.	
	<i>Passado:</i> Se você foi à festa, então você sabe sobre Sara e João.	
CC Irreal	<i>Imaginativa</i>	hipotética: Se eu visse o David, eu falaria alemão com ele.
		contrafactual Se você tivesse ido ao concerto, você teria visto Ravi Shankar.
	<i>Preditiva</i>	Se ele conseguir o emprego, vamos comemorar.
CCs pragmáticas		
(a) Epistêmica	Se a manteiga eleva o colesterol, vamos ficar no azeite.	
(b) do Holandês	Se você canta bem, eu sou o Sting.	
(c) Imperativa	Me lava o carro e eu te dou cinco dólares.	
(d) Ato de fala	Se você está com sede, tem cerveja na geladeira.	
(e) Metalinguística	Meu ex-marido, se esta é a palavra certa, foi visto em Las Vegas na semana passada.	

Quadro 6 - Os tipos de CCs examinados no diálogo analisado

Quanto às funções exercidas no discurso pelas CCs, o Quadro 7 apresenta as cinco categorias que a análise deverá examinar.

As funções das CCs no discurso	
(a) Topicalização	Se eu vou pela praça da Sé, eu vejo os mendigos.
(b) Criação de mundo possível	Se o técnico vier hoje, então terminaremos o artigo na sexta-feira.
(c) Amenização de ameaça à face	Se é que eu posso dizer, acho que o verde fica melhor em você.
(d) Modalização (epistêmica e deontica)	Se eu estiver certo, então vamos precisar de ajuda.
(e) Avaliação (posposta)	O melhor seria se você concordasse com ele.
(f) Resumo/ <i>afterthought</i> (posposta)	Você deve ir. Você vai ver tudo, se for ao local.

Quadro 7 - As funções das CCs no discurso

Nem sempre é fácil distinguir a Topicalização da Criação de mundo possível, já que esta não deixa de ser um caso de Topicalização (veja exemplos em (a) e (b) acima). Parece-nos que (a) é caso de CC real 'habitual', isto é, se eu cito um fato habitual como em (41), [caso 8 dos dados], o que virá a seguir decorre desse CC tópico ('Se um lugar ficar bom para construir'):

(41) certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né?

já em (b), Criação de mundo possível, teríamos um caso de CC real 'presente', nos termos de Thompson e Longacre, como em (42) [caso 28 dos dados]:

(42) se você continuar com a analogia seria uma parte ... sei lá ou um governo ou

Mas ambos se prestam a persuadir o interlocutor: (a) para mostrar que um fato aceito habitualmente resulta em fato que o falante quer provar ser verdadeiro; (b) para criar um mundo possível, em que a consequência também seria possível.

3. METODOLOGIA

3.1 Dados

Entrevista documentada pelo NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil), de Preti e Urbano (1988), que “tem por finalidade documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil” (CASTILHO; PRETI 1988, p. 2).

A entrevista que focalizaremos, de número 343, é constituída de 1755 linhas, das quais analisaremos as 474 primeiras, uma vez que, como veremos, as CCs não apresentaram diferenças nessas linhas, e tem as seguintes características:

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO No 343 - BOBINA No 130 - INFS. Nos. 441 e 442

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Duração: 80 minutos

Data do registro: 15/03/70

Tema: A cidade, o comércio.

Locutor 1: Homem, 20 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf.no. 442)

Locutor 2: Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf.no. 441)

3.2 Procedimentos de análise

Serão selecionadas (veja sublinhadas abaixo) e contabilizadas, na entrevista em análise, as CCs implícitas ou explícitas, bem como as prepostas ou pospostas à oração principal. Esses exemplares serão classificados de acordo com as categorias propostas no Quadro 6, que resumimos a seguir.

CCs de conteúdo			CCs pragmáticas
REAL	<i>Presente</i>		Epistêmica
	<i>Habitual</i>		do Holandês
	<i>Passado</i>		Imperativa
IRREAL	<i>Imaginativa</i>	<i>hipotética</i>	do Ato de fala
		<i>contrafactual</i>	Metalinguística
	<i>Preditiva</i>		

Quadro 8 – Os tipos de CCs (resumido)

A seguir, serão examinadas as funções dessas CCs, de acordo com o Quadro 9:

As funções das CCs no discurso
(a) Topicalização
(b) Criação de mundo possível
(c) Amenização de ameaça à face
(d) Modalização (epistêmica e deôntica)
(e) Avaliação
(f) Resumo/ <i>afterthought</i>

Quadro 9 – As funções das CCs no discurso (resumido)

Os procedimentos levarão em conta as perguntas de pesquisa, que repetimos: (a) Que tipos de CCs ocorrem nas interlocuções orais? (b) Como é realizada a condição nessas interlocuções? (c) Que funções discursivas são realizadas pela condição?

Por outro lado, os exemplos poderão trazer 3 tipos de numeração, como se vê no exemplo abaixo: dois obrigatórios '(43)', número do exemplo no texto da dissertação; '[48]' número do exemplo na análise e, finalmente, '443', o número da linha no original do NURC.

(43)

[48] L1 tira tira tira o contexto de humano essa

443 comunicação ... comunicação de transporte e comunicação não humana né? .. (por exemplo) você está em guerra o importante é você acabar com as comunicações ... né? então você ... destrói uma

4. ANÁLISE

- 1 D: gostaríamos que vocês falassem a respeito da cidade e do comércio ...
 L1 tem saído ultimamente ... de carro?
 L2 «risos» tenho mas você diz sair. .. fora ... sair normalmente para a escola essas coisas?
- 5 L1 pegar a cidade ()
- 6 L2 tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade né? . . por exemplo se eu for comparar com ...
- 8 L1 - - você viu se está gravando direito aí? --

[Se eu comparar com ... (incompleta)]

1. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x (se)		x		modalização

- D está está eu já deixo no automático
- 10 L1 - - ah o automático não indica velo/ --
 D não ... «vozes distantes»
 L2 tenho saído sim ... assim em termos mas eu acho por exemplo:: ... de sair:: ... éh:: ... sabe sair por aí:: descobrir
- L1 uhn
- 15 L2 lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito
- 16 se comparar com papai por exemplo ...

2. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x (se)			x	modalização

- L1 eu fui:: quinta-feira ... não foi terça-feira a noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado
 L2 éh::
- 20 L1 passei ali em frente a:: Faculdade de Direito ... então estava lembrando ... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze ... (com) a tia sabe? .. e:: está muito pior a cidade ... está ... o aspecto dos prédios assim e bem mais sujo ... tudo acinzentado né?
- 25 L2 uhn:: poluição né?
 L1 ruas mais ou menos sujas ... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? .. achei horrível ... feio feio feio ... e toda segunda à noite eu passo ali do lado da faculdade, certo?

30 L2 quando você vai pra:: para Aliança, né?

3. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)			x	topicalização

L1 é quando eu pego o carro .. e:: também é horrível o aspecto., " (parece) assim montoeira de concreto, .. sem nenhum aspecto humano certo? Os prédios sem:: estilo arquitetônico ... ou de estilo

35 arquitetônico tudo desencontrado não tem não tem integração ...

[eu passo ali ... quando eu pego o carro]

4. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)			x	topicalização

L2 mas isso acho que não tem né? em:: ... lugar nenhum da cidade a não ser talvez ... assim

L1 me parece que ...

40 L2 bairro em tem os de de visão:: me parece que está ahn:: envelhecida a cidade né? .. ahn:: muita construção ... antiga não tem muita construção nova ...

L2 oh eu acho que em termos de:: ... centro por exemplo está começando a acontecer um negócio que ... você vê normalmente em cidade americana grande Washington Nova lorque ... que é:: ... pessoal

47 mais classe alta ir para o subúrbio ... e o:: centro bom:: em Washington por exemplo é gueto ... né?

[Se for para o subúrbio de Washington, é gueto]

5. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
ato de fala		x	x		topicalização

em Nova lorque também ...

50 L1 uhn::

L2 então a Tatá estava contando outro dia né? que:: depois das seis horas

52 da noite você andar na cidade e o jeito dela "só tem preto ... só tem preto e bicha" né? e:: ... e realmente acho que né/ muito pouca gente ainda mora lá assim de nível sócio-econômico mais alto né? ...

[Se você andar na cidade, só tem preto e bicha.]

6. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
ato de fala		x	x		topicalização

56 L1 e porque de noite ... está vazia bem vazia não tem trânsito (mas) ... é concreto com rua ... asfalto ...

[E se você for de noite, está vazia.]

7. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

acabou né? .. Lins por exemplo não é assim né? você tem ... tem um aspecto de:: ... de acho que parece bairro a cidade né? não tem muito movimento ... éh:: chega seis sete horas

[

L2 mas que

L1 todo mundo na rua ... ah não sei ... deve ter uns:: ...

[

L2 tamanho quantos habitantes tem lá?

L1 cinquenta cem mil...

L2 ééh São Paulo acho assim uma vez o Franck sabe aquele que que é arquiteto?

L1 uhn .

L2 ele estava falando que a topografia da cidade é muito bonita ... e eu inclusive gosto né? cheio de ... montes

70 e:: né? colinas tal mas que é muito mal aproveitado bom (ai você vai entrar na na) área verde ... que quase não tem e tal

[

L1 isso e bem de cidade grande né?

[

L2 oi?

L1 cidade que não dá para ter planejamento ela está crescendo desordenadamente

[

- L2 dá daria né? é que não::
 L1 é:: sempre ... quem manda é:: ... os ... a:: ... -- como é que se diz - - .. , especulação imobiliária né? certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? então constrói-se muitos prédios ali e ai depois muda ...

[Se certo local fica bom para construir, todo mundo pa corre para lá]

8. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

- L2 esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando
 L1 não que eu saiba não:: .. não é tão tão forte essa lei não não consegue ...
 moldar a cidade
 [
 85 L2 não porque eu ouvi depois que:: ... depois que estabeleceram ai::
 L1 (tem isso) porque envolve interesses econômicos muito ... FORtes muito grandes ...
 que dobram essa lei ... certo? dum ... dum ... dum governo para o outro ... muda a lei
 90 de zoneamento ... eu não vejo funcionar ... e mesmo assim seria uma restrição de ...
 desenvolvimento ... errado mas já está um montão de coisa errada certo? ... muito
 bairro:: ... residencial com muita indústria dentro ... principalmente bairro pobre né? ...
 para consertar isso::
 95 não dá ... a lei teria que ser ... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe
 L2 uhn uhn ...
 L1 (né? então) eu acho que ela não está conseguindo nem atuar sobre o que vai existir
 ... em termos ela existe
 [
 L2 ÉH::
 L1 ela está lá mas:: não funciona ... porque
 [
 L2 eu vejo
 L1 acho que a economia é mais forte do que a lei ... ainda ...
 L2 e meio incontrolável né? e acho que:: ... acho que esse negócio se repete ou acaba
 se repetindo em qualquer cidade que ... atinge um certo tamanho se bem que em
 São Paulo acho que tem um
 problema específico de:: ... ter-se tornado um centro industri/ industrial. .. grande
 essas coisas tem um professor meu que vai agora pra::
 110 Belém ... ele estava falando que ... quando ele veio para São Paulo - - ele é argentino
 tal - - em cinquenta e quatro era menor que o Rio ...
 L1 uhn uhn ... ele é polo de atração e o pessoal não consegue

[
 L2 pouco mais pouco mais de dez anos né?
 115 L1 podar isso né? .. porque quem:: tem:: ... companhia grande digamos ... precisa de
 mão-de-obra ...

[Se tiver companhia grande, precisa de mão-de-obra.]

9. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

então ele tem que trazer de outra cidade porque a nossa mão-de-obra ... vai ...
 progressivamente se tornando cara ... então teria como que importar dos outros
 estados para São Paulo mão-de-obra barata ... então isso CHama ... um fluxo de
 gente para São Paulo que muita gente quer poDAR ...
 123 para não crescer mais <tossiu> que a gente não importa ricaço essas coisas né?
ricaço vai para o Rio sei lá qualquer outro lugar certo? ... então ...
 [
 L2 o que você acha disso?

[Se for ricaço, vai para o Rio.]

10. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

L1 o que eu acho disso é que não tem controle
 L2 não mas assim a tua reação assim
 [
 L1 acho que eu ... acredito
 L2 emocional a coisa qual que seria?
 130 L1 éh:: ... tristeza acho (nunca «risos)) ... sei lá
 L2 éh:: eu acho normal não sei eu vejo muito assim essa
 [
 L1 eu acho que ... que não ...
 L2 cidade como um polvo assim
 L1 que o:: que não se consegue controlar massas ainda
 135 nesse estilo ... que ele ainda tem:: movimentação própria e que:: o controle ... se
 faz ... automaticamente né?

137 quando a começa a ficar muito ruim a coisa ... começa a haver uma gritaria geral
e ai sim se toma uma atitude ... mais forte né? mas primeiro tem que haver

11. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)		x		topicalização

140 um ... um:: ... você está entendendo né! éh tem que

[

L2 estou

L1 ter ... éh:: um geral de insatisfação ... por exemplo poluição agora todo mundo fala poluição poluição

145 o controle não não dá para haver controle de poluição ... só os mais gritantes e que são ... pu/

[Se forem gritantes, são publicados.]

12. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

146 publicados em jornal et cetera e se controla mas os pequenos não ... essas companhias de (ônibus

[Se forem pequenos, não são publicados.]

13. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

desses ônibus fumacentos né? ...

não há controle ... os americanos já estão bem

[

L2 poluição::não só::

150 L1 mais a frente né? para você ver a moto aí ... ela não faz barulho por quê? tem uma linha americana

153 que impõe setenta e cinco ... decibéis ... de barulho passou disso... não pode fabricar ... o veículo

[Se passar disso, não pode fabricar]

14. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

né? ... agora aqui ain::da não tem isso ... quer dizer poluição
visual auditiva:: ... visual::

L1 [um pouquinho mais de::

L2 ahn

[ahn auditiva:: né

L2 [é

L1 é:: seria ... olfativa...

[pelo cheiro olfativa

L1 sei lá (tudo) meio ambiente

L2 uhn uhn

165 L1 então se joga esgoto em rios ... et ceteras ... que isso ainda eu considero grandes
poluições né? ..

167 não tem controle aqui ... então na hora que São Paulo ficar pior ainda ... porque
(quando) eu vou

[Se São Paulo ficar pior ... (incompleta)].

15. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotética		x(na hora que)	x		mundo possível

169 para a ci/ para o centro... se eu vou de moto eu choro ... sai lágrimas «tossiu») ...

16. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (se)		x		topicalização

170 então inicialmente eu pensava bom é que estou andando sem óculos ... tal. .. então
sai água ... ai eu

171 reparei que quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de moto ... eu pego mais vento e não choro nada então eu chego a conclusão que não é o vento que que faz

17. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)		x		topicalização

175 sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho .
 176 L2 uhn uhn ... para mim quando eu passo muito tempo
 177 na cidade também arde andando de carro inclusive

18. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)		x		topicalização

L1 mas ainda está num:: para o pessoal que está acostumado (a) um nível aceitável agora
 180 a hora que começa:: ... pifa pulmão de um e outro se estrepa e não sei que mais
 então ai se toma medida ... prescritiva mais forte

[Se pifa pulmão de um ..., então aí se toma medida.]

19. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)		x		topicalização

L2 Isso no geral é paliativo só né?
 D pena que se espere tanto né? .. para tomar as medidas sérias...
 L1 bom é uma opinião particular minha (ai) não é que se espere ... é é funcionamento ... da massa humana né? .. você não consegue diz/ chegar assim digamos você...PROva que uma coisa é verdaDElra ... e por admitir que ela é verdadeira você passa a atuar com a verdade ... mas você primeiro tem que sentir a verdade para depois atuar com ela né? em psicologia tem muito

[Se você prova que uma coisa é verdadeira, você passa a atuar com a verdade.]

20. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

193 o né:? ... é nada né? você pega um individuo ... que ele é ... um elemento né?..
independente do funcionamento uma ciDAde ((som de buzina)) que tem um montão
de indivíduos então a cidade ... eu faço analogia com o individuo e:: ... o::: ... o
elemento que forma a cidade os vários

[Se você pega um indivíduo, então eu faço analogia...]

21. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		mundo possível

199 seres humanos com:: sei lá parte do corpo do individuo né? .. então se você:: éh::
 não está bem precisa de uma terapia ...

22. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x (se)		x		mundo possível

200 mas não está:: indo tão mal você não vai fazer terapia fa/ ah:: "fulano faz

[Se não está indo tão mal, você não vai fazer terapia.]

23. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		mundo possível

terapia" o cara "não não faço" aí um dia que ele fica be/ mal pra burro entra numa
 fossa não sabe mais o que fazer

[Se ele fica mal pra burro... não sabe mais o que fazer.]

24. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		mundo possível

L2 aí que ele começa a ficar bem

[

205 se estrepa todo ...

- L2 rnesmo porque aí que vai procurar ajuda né?
 [
 L1 aí... ele vai procurar terapia né?

[Se ele se estrepa todo, ele vai procurar terapia.]

25. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		mundo possível

- L2 uhn uhn
 L1 eu acho que é equivalente com a cidade ... a hora que a cidade fica bem ruinzinha né!

[Se a cidade fica bem ruinzinha ... (incompleta)]

26. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		mundo possível

- L2 e que os mecanismos são diferentes né? porque eu não sei se funciona o:: ao mesmo nível sabe ... o cara procura terapia ou digamos a cida: :de. .. procurar uma terapia porque chegou um ponto assim porque ai é:: ...

[Se o cara procura terapia é porque chegou um ponto assim.]

27. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
epistêmica		x	x		topicalização

- L1 não não não não
 L2 e bem tribal né?
 [
 L1 mas não em termos e terapia em termos ... a terapia é um veículo de solução do problema no caso certo
 L2 uhn uhn
 220 L1 problema emocional para a cidade seria ... saneamento ...despoluição ... seria analogia de terapia com o individuo você entendeu? ... acho que eu estou comparando um:: um:: um macro com um micro ...
 L2 mas você vê que esse saneamento
 [
 L1 (o problema)

- L2 se você continuar com a analogia ... inclusive se
 [
 L1 esse saneamento
 L2 você pensar:: ...
 [
 L1 e o seguinte seria uma PARte ... sei lá ou um governo ou
 230 alguma coisa que imPÕE:: ... alguma coisa

28. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x (se)		x		mundo possível

- L2 uhn uhn
 L1 ao que é subordinado na ciDAde ...
 [
 L2 tá ...
 L1 ou seja ... na hora que o individuo vai procurar ... um:: ... uma terapia o superego dele
está levando o corpo dele ... para a terapia ...

[Se o indivíduo vai procurar uma terapia, o superego dele está levando o corpo dele para a terapia.]

29. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
epistêmico		x	x		topicalização

- L2 sim tudo bem
 L1 o governo levaria a cidade ... () medidas restritivas
 [
 L2 mas) .. isso aí é:: é:: a:: o
 240 saneamento para mim ((tosse)) se continuar com essa analogia seria <ruídos
 provenientes do defeito técnico de gravação> e você:: elimina os sintomas o que
 acontece? .. aparecem outros

[Se continuar... (incompleta)]

30. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x(se)		x		topicalização

[Se elimina ...]

31. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente		x	x		topicalização

- L1 não eu acho que você já já saiu do () você já está
[
- 245 L2 não eu ...
- L1 () ...
[
- L2 eu vejo assim ...
- L1 () a eliminação de sintomas?
- L2 não mas ... o saneamento ... sabe você não vai eliminar causa que provocou a a poluição por exemplo ... () pensar em termos de:: culpa coletiva por exemplo
[
- L1 é só que isso não tem importan/...
254 certo mas só que não tem nada que ver uma coisa com a outra porque ... na psicologia se você... só elimina
- 255 o:: efeito não elimina a causa você chega dizer que você pode ... mudar ... o problema de um lugar

32. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x(se)		x		topicalização

- para outro né ... , agora uma
[
- L2 mas o problema continua o mesmo
- L1 cidade não é isso você eliminou a poluição acabou ...
nã/ nã/ nã/ não:: tem um análogo assim da cidade grande tipo ... vontade dos ... habitantes de poluir. .. não ...
- L2 eu acho que tem
- L1 não
- L2 eu acho que tem um sentido sim por trás
[
- L1 a cidade nesse sentido não teria uma psiquê da cidade né? ... eu não estou comparando a psiquê do indivíduo com a da cidade () ... estou estou comparando ... o psiquê do indivíduo com a terapia para poluição da cidade () certo?
[
- L2 uhn uhn

- L1 esquecendo ... particularidades
[
- L2 uhn
- L1 da psiquê
então acontece por aCaso assim por ... falta de: ... ah:: de planejamento
poluição?
- L2 tal é?
- L1 é
- L2 é:: eu já acho que não
- 278 L1 por exemplo se você construisse seu carro você pensaria em poluição? .. não ... por
quê? ... porque

33. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotética	x(se)		x		mundo possível

- 279 se teu carro polui (incompleta)

34. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotético	x(se)		x		mundo possível

se se você sai detrás do escapamento fala tudo bem ...

35. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real presente	x(se)		x		topicalização

- agora mil carros andando causa um problema ... é diferente da ... do do do ()
talvez você não tenha ... joguei uma analogia errada ... você já envolveu a psiquê
quer jogar a psiquê em cima
[
- 285 L2 «risos»
- L1 da cidade
- 287 L2 eu não sei que para falar do problema assim concreto material realmente não
interessa muito sabe?
- L1 uhn
- L2 não:: não tem muita ressonância para mim ... inclusive:::

291 L1 é porque senão seria o seguinte a cidade pequena não tem esses problemas ... não é::? não dá para fazer analogia criança adulto ...

[Se não (fizer assim) seria o seguinte ...]

36. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotética	x(senão)		x		mundo possível

L2. como assim?

L1 a criança tem uma psiquê o adulto tem outra psiquê num num num estágios diferentes ... de ...

[

L2 uhn

L1 desenvolvimento ... então:: você pode dizer criança:: ... quando passa para adulto então amadurece acontece uma serie de coisas ... uma cidade pequena para uma cidade GRANde você não pode dizer ... (provavelmente) ela amaduREce então () apresentou problemas porque ... cresceu ... não

37. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x(quando)		x		topicalização

L2 não mas são dois mecanismos... \,

[

L1 quando era pequena e quando era grande ... ela mesma ... problemática básica só que ...

305 quando ela cresce isso se:: se torna aparente não tem que ver com nada de mudança tipo

38. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x (quando)		x		topicalização

308 amadurecimento ... certo? cidade pequena tem CAro ... já que o numero de carros é pequeno então não tem trânsito ...

[Se o número de carros é pequeno, não tem trânsito.]

39. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x(já que)	x		topicalização

- 310 L1 uhn
- 311 L1 (okay?) cidade (grande) também tem carro you take a small city a proportion of cars

[Se você pega ...]

40. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

por individuo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento ... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma fumaceira desgraçada que não:: poluir a cidade ...

L2 o problema seria mais quantitativo?

L1 então seria uma é ... é são quantidades poluição por quantidade de área existente né? .. circulação de ar et cetera ...

L2 (produção) ...

L1 sugestão ...

325 e Doc. «risos»

L1 para continuidade

[

D sugestões e a opinião de vocês a respeito do metrô?

L2 um elevador que anda:: «risos» ... comentário de::

de:: ... e:: (comentário) de nordestino chegando "elevador

[

D (autocrata)

L2 que anda ao contrário que anda de cá para lá aperta um botão e:: começa a andar ... éh:: sei lá ... metrô? ..

L1 está meio atrasado né? .. já devia ter muito tempo ...

L2 está tendo boa aceitação né? .. em geral eu nunca andei de metrô aqui sabe?

D ah:: vale a pena ...

335 L2 é me disseram que va: :le

L1 porque ele ainda não está trabalhando bem né? ou seja ele está funcionando mas acho que a:: causa básica dele é transporte em massa (correto?) é um meio de transporte que ... não causa trânsito ... não causa congestionamento o metrô ... funciona diferente de vários ônibus né? (não é) um ônibus atrás do outro ... mas é um transporte RÁpido é uma ... das opções de transporte ...

343 (agora) para você transportar a massa ... BEM você não pode ter uma linha só ... você tem que ter

[Se você vai transportar a massa...]

41. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x(para)		x		topicalização/ finalidade

várias linhas para cobrir toda a área de São Paulo e distribuir né?

L2 uhn uhn

L1 então você pega a massa da ... periferia joga para o centro ... e devolve essa massa de novo para a periferia ... () de manhã ... para a tarde né?

L2 uhn uhn ...

352 L1 numa linha só não cobre isso ... porque você veja ... metrô e um transporte em linha reta né? .. então:: você tem que ter coisas (conexando) o início e fim da linha ... porque você não consegue

[Se for uma linha só ...]

42. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

concentrar uma massa num ponto que seria no início da linha e:: depois soltar essa massa noutro ponto e tudo bem ... você tem que ter uma malha uma rede ... de tal maneira que isso fique ... mais (discretizado) né?

L2 uhn uhn

L1 e nós temos uma linha só ...

L2 é:: e já começamos atrasados e tudo mais

[

L1

éh ...

L2 você vai:: ...

L1 muita política em cima

L2 você vê em Londres ... você::

[Se você vir Londres ...]

43. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

[

L1

()

- L2 você olha um mapinha qualquer bairro qualquer lugar que você quei/ que você queira ir tem assim no máximo com três quarteirões de distância uma linha de metrô que chega até lá e::
- L1 mais ou menos não é bem assim não ... dá impressão que é isso ... nós estamos com muita política em cima do metrô né? ..
- L2 uhn uhn
- L1 então quando foram fazer a Paulista ... já tinham gastado três bi sei lá ... cacetada de dinheiro
- [
com aquela reba/ aquele
- L2 rebaixamento né?
- L1 é
- L2 uhn
- L1 ai resolveu-se ... que a ideia não era boa né! bom ... tinha sido planejado estava em execução e:: de repente não ficou bom então isso da para sentir que tinha muita política com muita força política por trás disso né? porque estava sendo interrompido uma
- 385 solução em execução
- L2 uhn
- 390 L1 acho que isso e uma grande bobagem ... ou por um lado ter feito uma solução errada ou segundo uma solução certa interromper. .. mas eu senti que era ... tinha mudança de governo no meio ...
- L2 sempre tem mudança de governo «ri)) recomeça tudo
- [
()
- L1 de no: :vo ... e ... malha malha o governo anterior e
- 395 né?
- [
- L1 nos estamos com o metrô muito:: ... sei lá ... a gente está acostumado já de ouvir falar de metrô porque está muito mas ... não não temos metrô ainda metrô tem que ser uma malha ... certo? nos temos uma linha ... coitadinha não sei se dá para chamar ela de metrô ...
- L2 ((riu)) e «(tosse»
- L1 eu gostaria de saber quando é que nós vamos ter metrô né? .. porque cada vez (não sei se) você percebe ... fica mais caro fazer metrô né? .. porque digamos que você começasse fazer ... metrô em

44. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotético		x(digamos que)	x		mundo possível

mil novecentos e trinta ... então ia aproveitar a linha da ... do bon::de ... éh:: ... você vai fazer. ... metrô tipo túnel né? tem prédio em cima ... você só ... faz a casamata em:::baixo ... proíbe de construir prédio em cima ... mas não você vai fazer metrô subterrâneo ... você tem que ter

411 máquina Schield para cavar. ... e proteger as paredes ... porque se você cava sem Schield desaba

45. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x(se)		x		topicalização

tudo que está cheio de prédio em cima né? .. você vai fazer. ... metrô ... na TErra ... você corta toda São Paula:: acaba com o trânsito tal não pode tem que fazer. ... metrô

[Se você vai fazer ...]

46. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotético		x	x		mundo possível

elevado né? metrô elevado sai mais caro ... conforme o caminho que ele faz ele ... passaria em cima de PRÉdio ... tanto que houve aquela ... blá blá blá ai de:: ... desapropria ali o colégio:: ... ah:: não (Caetano)

[Se for metrô elevado, sai mais caro]

47. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

L2

o:: Caetano né.

420 L1 não desapropria::a mu::da não mu::da

L2 tudo isso e reflexo uhn:: ... de uma situação mais ampla né? assim comunicação em cida/ em cidade grande o metrô é uma forma ... de comunicação né? de levar e trazer ...

L1 transporte né?

[

L2 pessoas e ...

L1 não é bem comunicação é transporte

L2 pra mim é:: ainda ...

L1 transporte não (acho) comunicação ...

L2 você comunica diferentes pontos da cidade quando você:: ... sabe? faz com que pessoas que:: antes teriam acesso ou mais difícil ou não teriam ... de um ponto para outro

L1 [não (mas

vem dai) conotação de comunicação hein?

435 L2 ahn ahn

L1 isso ai seria um

L2 é mercúrio «ri))

L1 e:: ... diferente ... certo? ..

L2 mas em suma acho que ... sabe está ligado a todo um contexto de:: ... que ...

[

L1

tira tira tira o contexto de humano essa

443 comunicação ... comunicação de transporte e comunicação não humana né? .. (por exemplo) você está em guerra o importante é você acabar com as comunicações ... né? então você ... destrói uma

[Se você está em guerra...]

48. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotético		x	x		mundo possível

ponte e:: fica isolado assim da::

L2 uhn uhn

[

é diferente a comunicação ... tipo humano né? tipo linguagem ... sai do contexto de linguagem ...

[Se for comunicação humana é diferente]

49. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x	x		topicalização

450 L2 mas você vê que:: ... (quer dizer) uma visão que o:: ... que o papai tem né? que ele diz que vai chegar uma hora que para/ que a cidade vai ficar paralisada ... então acho que é assim né? ..

453 fantasiando você pode dizer ... sabe chega imigrante chega imigrante chega

[Se fantasiar ...]

50. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
hipotético		x(infinitivo)	x		mundo possível

imigrante e ... cresce e cresce e cresce e e:: ao mesmo tempo (houve) o crescimento das digamos das vias ... ou:: ... né? de:: ... circulação ... dentro da cidade não acompanha esse crescimento ... de população né?

L1 uhn uhn ... eu não sei ... o que se o que gostaria de ver:: o:: que já aconteceu de análogo mas me parece que não não deve paralisar porque não tem ... caso análogo (na história) ... você tem por exemplo (Tóquio) para fazer você conforme ... o azar teu você fica quatro horas paralisado num trânsito ... (lá:: qualquer)

L2 mas nem por isso deixa de ir ()

[

L1 mas isso é relativo né? você pode não ter:: não é global isso né? então sei lá digamos uma regiãozinha ali:: ... os que não estão acostumados com a cidade pum se mete no trânsito e se se se (ficam) talvez até:: em São Paulo ...

[Se for uma regiãozinha ...]

51. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual		x(digamos)	x		topicalização

[Se ficam em SP ...]

52. Tipo de CC	Explícita	Implícita	Pré-posta	Pós-posta	Função discursiva
real habitual	x		x		topicalização

eu nunca pego o trânsito correto?

L2 eu já pego ((ri))

[

L1 segundo ... a pessoa ali passa um tempo ali. ...

[

474 D ()

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, apresentamos os resultados obtidos na análise das CCs no diálogo do NURC, iniciando com os Tipos de CCs.

5.1 TIPOS DE CCs

Real habitual	Real presente	Hipotético	Ato de Fala	Epistêmico	total
28	12	8	2	2	52
54%	23%	15%	4%	4%	100%

Tabela 1 – Tipos de CC

5.1.1 As CCs Reais Habituais

Podemos ver que a CC real habitual aparece com 54% das ocorrências, portanto, com um pouco mais da metade do total. O contexto em que ocorreu o diálogo envolvia um engenheiro (20) e uma psicóloga (25), falando sobre os problemas de uma cidade grande. Pode-se constatar que, durante a entrevista, nem sempre há consenso entre as opiniões dos dois entrevistados, pois cada um quer entender e propor soluções para os problemas da metrópole dentro de suas especialidades. Isto é possível ver no trecho que analisamos (e também em um trecho maior que anexamos para melhor contextualizar o diálogo).

Talvez por esse motivo, as CCs real habitual apresentem esse volume de ocorrências. Ou seja, há a preocupação de ambas as partes citarem situações habituais, aceitas pela opinião geral, para contextualizar a proposta que vem a seguir, como em (44) [43] (dos dados): L2 (a psicóloga), tentando mostrar que há falta de linhas de metrô em São Paulo (em 1970), diz que em Londres, há linha de metrô a cada três quarteirões:

(44)

[43] L1 muita política em cima

L2 você vê em Londres ... você::

L1 ()

L2 você olha um mapinha qualquer bairro qualquer lugar que você quei/ que você queira ir tem assim no máximo com três quarteirões de distância uma linha de metrô que chega até lá e::

Ou em (45) [47], L1 (o engenheiro), tentando mostrar os problemas que a construção de uma linha de metrô acarreta a uma cidade:

(45)

[47] tudo que está cheio de prédio em cima né? .. você vai fazer. .. metrô ... na TErra ...
você corta toda São Paula:: acaba com o trânsito tal não pode tem que fazer. .. metrô
elevado né? metrô elevado sai mais caro ... conforme o caminho que ele faz ele ...
passaria em cima de PRÉdio ... tanto que houve aquela ... blá blá blá ai de:: ...
desapropria ali o colégio:: ... ah:: não (Caetano)

Assim, nos casos de CC reais habituais, acreditamos que a sua função discursiva seja a de Topicalização, já que se na prótase é dado um fato habitual, aceito pela opinião geral, a consequência - a apódose - será naturalmente aceita.

5.1.2 As CCs Reais Presentes

As CCs reais presentes apresentam 23% do total de ocorrências, portanto, quase a metade das CC reais habituais. Assim, também, sua presença é alta em relação aos restantes. São elas:

(46)

[21] 193 o né:? ... é nada né? você pega um individuo ... que ele é ... um elemento né?..
independente do funcionamento uma ciDAde ((som de buzina)) que tem um montão
de indivíduos então a cidade ... eu faço analogia com o individuo e:: ... o::: ... o
elemento que forma a cidade os vários

Em (46), L2 lança mão de uma CC real presente 'se você pega um indivíduo (eu faço analogia com o indivíduo), É aqui que fica difícil escolher entre 'CC real habitual' e 'CC real presente'. Os exemplos dados por Thompson e Longacre são os seguintes, como já vimos:

CC presente: Se estiver chovendo, meu carro estará se molhando.

CC habitual: Se você breicar, o carro para.

L2 é colocada na prótase ('você') é mais para envolvê-la pessoalmente na questão, uma maneira persuasiva de fazê-la aceitar a apódose.

(49)

[48] L1 tira tira tira o contexto de humano essa
443 comunicação ... comunicação de transporte e comunicação não humana né? .. (por exemplo) você está em guerra o importante é você acabar com as comunicações ... né? então você ... destrói uma

Esta é uma CC irreal, na classificação de Thompson e Longacre (e.g.: Se eu visse o David, eu falaria alemão com ele), pois 'estar em guerra' é uma hipótese, trazida para o contexto da conversa, para persuadir o ouvinte. Embora seja verdadeiro que 'as comunicações devam ser cortadas, em caso de guerra', o trazer uma situação como esta, para a linguística crítica, é caso que configura forte persuasão, já que a conversa não versava sobre guerras.

5.1.4 As CCs Epistêmicas

As CCs epistêmicas

[que expressam a ideia de que o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para concluir pela verdade da proposição expressa na apódose: o conhecimento causa a conclusão]

aparecem com 2% de ocorrência. Veja um exemplo:

(50)

[27] L2 e que os mecanismos são diferentes né? porque eu não sei se funciona o:: ao mesmo nível sabe ... o cara procura terapia ou digamos a cida: :de. .. procurar uma terapia porque chegou um ponto assim porque ai é::: ...

Sua função é a de Topicalização, já que a prótase ('se ele procurou um terapia') é a causa do que se declarada apódose: dada a causa, dela decorre naturalmente a consequência. Do ponto de vista da linguística crítica, essa é uma maneira de 'fechar' a conclusão e forçar o interlocutor a aceitar a argumentação corrente.

5.1.5 As CCs do Ato de Fala

As CCs do ato de fala ocorrem com 2% no quadro geral das CCs. Elas são definidas como um caso em que:

o valor verdade de p não afeta o valor verdade de q, mas a felicidade do ato de fala realizado no enunciado.

Eis um exemplo:

(51)

[6] L2 então a Tatá estava contando outro dia né? que:: depois das seis horas
52 da noite you andar na cidade e o jeito dela "só tem preto ... só tem preto e bicha"
né? e::: ... e realmente acho que né/ muito pouca gente ainda mora lá assim de nível
sócio-econômico mais alto né? ...

L2 diz que se se andar à noite pela cidade, só tem preto e bicha. Ou seja, a CC é de Ato de Fala porque o fato de 'andar à noite na cidade' não traz como consequência a existência de 'pretos e bichas'. Mas, no contexto da cidade de uma metrópole, a apódose pode ser aceita como decorrência da prótase, o que, do ponto de vista crítico, seria considerado um caso de persuasão via falácia, um raciocínio falho.

5.1.6 As demais CCs

Não foram encontradas as seguintes CCs:

CCs de conteúdo

(a) CC Real	<i>Passado:</i>	Se você foi à festa, então você sabe sobre Sara e João.
(b) CC Irreal	<i>Imaginativa</i>	Se você tivesse ido ao concerto, você teria visto Ravi Shankar.
	<i>Preditiva</i>	Se ele conseguir o emprego, vamos comemorar.

Quadro 10 – CCs de conteúdo

Quanto às CCs de conteúdo acima, os dados mostram que, numa discussão em que se quer persuadir o interlocutor a respeito de suas próprias crenças, a tendência do falante é evitar citar fatos no passado (mesmo estes são colocados no presente) ou apoiar-se em situações irreais.

O que não se verificou no presente estudo é a verificação das CCs, de fato irreais, que são colocadas como reais.

CCs pragmáticas

(a) do Holandês:	<i>Se você canta bem, eu sou o Sting.</i>
(b) Imperativa:	<i>Me lava o carro e eu te dou cinco dólares.</i>
(c) Metalinguística:	<i>Meu ex-marido, se essa é a palavra certa, foi visto em Las Vegas na semana passada.</i>

Quadro 11 – CCs pragmáticas

Os dados analisados não acusaram a ocorrência de CCs do Holandês, Imperativa e Metalinguística. As duas primeiras podem não ter ocorrido devido ao ambiente cordial em que se processou o diálogo. L1 e L2, pelo que se pode ver no decorrer da conversa, são amigos e, assim, evitam ameaçar a face mútua. Também evitam ironias como a CC metalinguística, pois estão o tempo todo esforçando-se para mostrar seus pontos de vista sobre os problemas da metrópole, de maneira o mais objetiva possível para não falhar em sua argumentação.

5.2 A expressão da CC

EXPRESSION DA CC						
Explícita	Implícita	total		Pré-posta	Pós-posta	total
22	30	52		49	3	52
42%	58%	100%		94%	6%	100%

Tabela 2 – A Expressão da CC

A tabela 2 mostra que as CCs nem sempre são explicitadas no texto. Em 58% dos casos, portanto, mais da metade do total de ocorrências, elas são implícitas na modalidade oral. Esse fato pode explicar o motivo pelo qual os nossos alunos, em suas redações, omitem o conectivo lógico: a língua falada - mesmo de graduados universitários, como é o caso de L1 e de L2, dispensa esses elementos de união oracional. Daí a necessidade de conscientização desse fato e de estratégias que facilitem o ensino da conjunção de orações na escrita.

Por outro lado, as CCs pré-postas são praticamente a totalidade das ocorrências. Isso mostra que, pelo menos na modalidade oral, argumentativa no caso, a CC tem a função de condicionar inicialmente uma situação, criando um pano-de-fundo, contra o qual o falante enuncia sua proposta.

5.3 A função discursiva das CCs

FUNÇÃO DISCURSIVA			
Topicalização	Mundo possível	Modalização	total
35	15	2	52
67%	29%	4%	100%

Tabela 3 – Função discursiva da CC

De maneira coerente com os resultados discutidos até aqui: abundância de CCs reais habituais e presentes e de CCs prepostas, as CCs funcionam no discurso como topicalizadoras e criadoras de mundo possível, fechando as possibilidades de argumentos e, assim, concentrar a discussão no item desejado pelo falante. A topicalização ocorre com alta porcentagem já que decorrem do uso de CCs habituais, que garantem - através da aceitação da opinião pública geral, reinante em determinada comunidade - a conclusão a que quer chegar o falante.

As CCs modalizadoras têm ocorrência quase mínima, talvez em decorrência da intimidade que existe entre os interlocutores, fato que os exime de demonstrar modéstia ou de evitar a ameaça à face.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos, enfim, ao término desta dissertação, acreditando ter respondido às questões de pesquisa que propusemos: (a) Que tipos de CCs ocorrem nas interlocuções orais? (b) Como é realizada a condição nessas interlocuções? (c) Que funções discursivas são realizadas pela condição?

No decorrer da pesquisa e, em especial durante a análise, pudemos perceber as possibilidades que presentes neste estudo, e que não foram examinadas. Uma delas é a comparação do gênero entrevista com outros para verificar a ocorrência de CCs que não aconteceram em nossos dados. Além disso, a relação entre os tipos de CCs e suas funções mereceriam um enfoque mais aprofundado, o que propiciaria uma análise crítica com vistas à persuasão no discurso mais esclarecedora.

Por enquanto, a pesquisa significa maior compreensão das diferenças entre a sintaxe da modalidade oral e da escrita, fato que é condição para melhor entendermos os problemas que ocorrem na escrita. Assim, podemos entender que

estamos impregnados pela sintaxe da fala quando enfrentamos a redação de um texto escrito, e isso fatalmente se refletirá na qualidade da produção escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKATSUKA, Noriko Mccawley; STRAUS, Susan. Counterfactual reasoning and desirability. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth & KORTMANN, Bernd (Ed.). **Cause Condition Concession Contrast: Cognitive and discourse perspectives**. NY, Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 205-234.
- ALLEN, W.s.. **Living English Structure**. London: Longman, 1965.
- AUER, P. Pre-and post-positioning of *wenn*-clauses in spoken and written German. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (Ed.). **Cause Condition Concession Contrast: Cognitive and discourse perspectives**. NY, Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 173-204
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1969.
- BLOOR, Thomas. Conditional Expressions: meanings and realizations in two genres. In: MACARRO, Antonia Sánchez; CARTER, Ronald (Org.). **Linguistic choices across genres: variation in spoken and written English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Co, 1998.
- CALDAS-COUTHARD, C. R. e COULTHARD, M.. **Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis**. Londres: Routledge, 1996.
- CAMERON, D. *Feminism and Linguistic Theory*. Londres: Routledge, 1985.
- . **The feminist critique of language: a reader**. Londres: Routledge, 1990.
- CASTILHO, A. T.; PRETTI, D.. **A linguagem fala culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: Tao Editor e Fapesp, 1986.
- COMRIE, Bernanrd. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, Elizabeth et al. (Comp.). **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 77-99.
- COPI, I. M.. **Introdução à Lógica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1978. Trad. Álvaro Cabral.
- CRYSTAL, D.; DAVY, D. **Investigating English Style**. Londres: Longman, 1969.
- DANCYNGIER, B. ; SWEETSER, E. Conditionals, Distancing, and Alternative Spaces. In: Adele Goldberg, ed., **Conceptual Structure, Discourse & Language**. CSLI Publ. Center for the Study of Language and Information, Stanford, CA, 1996.
- . Constructions with *if*, *since*, and *because*: Causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (Ed.). **Cause**

Condition Concession Contrast: Cognitive and discourse perspectives. NY, Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142.

DIK, S. C. On the semantics of conditionals. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, A.M.; VETT, D.C. (eds.) **Layers and levels of representation in language theory: A functional view**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1990. p. 233-261.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. **Analysing Casual Conversaton**. Londres: Cassell, 1997.

FAIRCLOUGH, Normain. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

----- . **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

----- . **Critical Language Awareness**. London: Routledge, 1992.

FORD, C. E. e THOMPSON, S.A. Conditions in discourse: a text-based study from English. In: Elizabeth Traugott et al. (eds.), **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 353-372, 1986.

FORD, C. E. **Grammar in interaction: Adverbial clauses in American English conversations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

FOWLER, R., HODGE, R., KRESS, G. e TREW, T. **Language and Control**. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

FOWLER, R. **Language in the news**. NY: Routledge, 1991.

GAMA KURY, A. **Lições de Análise Sintática**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

GUMPERZ J. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAIMAN, J. Conditional are topics. **Language**, Baltimore, v. 54, n. 3, 1978. p.564-589.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HORSELLA, M.; SINDERMAN, G. Aspects of scientific discourse: conditional argumentation. **English for Specific Purposes**. v. 11, n. 2, 1992. p. 129-139.

HYMES, D. Towards ethnographics of communication: the analysis of communicative events, In: P.Giglioti (ed.) **Language and Social Context**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 21-33.

IKEDA, S.N. A oração condicional: Ocorrência e funções na escrita. **Revista da ANPOLL**, Niterói, v.13, 2002. p. 217-234.

- JACKSON, F. (ed.) **Conditionals**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- LABOV, W; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experiences, In: J. Helm (ed.) **Essays on the Verbal and Visual Arts**. American Ethnological Society proceedings of Spring Meeting 1966. Washington DC: University of Washington Press, 1967. p. 12-14.
- LONGACRE, R.E.. Trique clause and sentence: a study in contrast, variation, and distribution. **International Journal Of American Linguistics**, n. 32, p.242-252, 1996.
- MAZZOLENI, M. The pragmantax of some Italian conditionals. In: **Journal of Pragmatics**, Seattle, v. 21, 1994. p. 123-140.
- MATTHIESSEN, Christian. **Lexicogrammatical Cartography: English Systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995. (Textbook series in the language sciences).
- MEAD, R.; HEDERSON, W. Conditional form and meaning in economics text. **English for Specific Purposes**. v. 2, 1983. p. 139-160.
- NEVES, Maria Helena de Moura. As construções concessivas. **Gramática do Português falado VII**, São Paulo: FAPESP, 1999. p. 545- 591.
- PÊCHEUX, M. **Language, semantics and ideology**. London: Macmillan, 1982.
- PINDI, M. **Schematic Structure and the Modulation of Propositions in Economics Forecasting Text**. Inédito. Tese de doutorado. Birmingham: Aston University. 1988.
- Pindi, M.; BLOOR, Thomas. Playing safe with predictions: hedging, attribution and conditions in economic forecasting. In: MEETING OF THE BRITISH ASSOCIATION FOR APPLIED LINGUISTICS, 2, England. **Written Language: British Studies in Applied Linguistics**. England, 1987. p. 55 - 69.
- PRETTI, D.; URBANO, H. (Org.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo** - Entrevistas. São Paulo: Tao Editor e FAPESP, v. II, 1988.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, Baltimore, v. 50, n. 4, 1974. p. 696-735.
- SCANELL, P. **Broadcast Talk**. Londres: Sage, 1991
- SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, Sandra A. & LONGACRE, Robert E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (ed.) **Language typology and syntactic description (II)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

Van DIJK, T. Discourse and power: Introduction. In: ZAVALA, I. M.; et al. (ed.) ***Approaches to discourse, poetics, and phychiatry***. Amsterdam: Benjamins, 1985. p.15-24.

ANEXO

- 475 L2 você sacar ... sacar os:: os desvios ...
 L1 segundo ... o que já PAssa (em) muito lugar de trânsito ele já sabe o caminhozinho
 saidazinhas
 especiais ou:: ... não vai de carro ate lá ... vai de metrô e ... anda três quarteirões ...
 quer dizer eu não vou na cidade de carro ...
 L2 uhn vai de moto
 L1 então ...a maioria ... sei lá ... não é afetada ... mas não é bom agora ... por trás disso
 você sempre (você) percebe ... parece que a cidade não tem superego para para
 para ... funcionar:: ela está ... cres: :ce desces: :ce
 [
 L2 tem ... não que ele
 L1 tem político e ... ()
 [
 L2 funcione bem mas tem:: ... (pesso/) autoridade e superego não é M.? a:: ...
 490 L1 ah é
 L2 a policia e tal que ela funcione num num:: ((ri)) ai já não concordo mas que existe
 existe né?
 L1 uhn uhn ... ela não não coordE na as partes em um bom funcionamento
 [
 L2 quer dizer que o ego da cidade não funciona bem porque:: ... né? as partes não são
 integradas ... ((ruidos))
 L1 você acha que ... desenvolvimento e BOM ou e ruim?
 L2 desenvolvimento em que sentido?
 L1 crescimento ... o Brasil diz-se basicamente subdesenvolvido e diz-se também que ele
 está crescendo ... se desenvolvendo ... parece que está saindo de uma ... condição
 de subdesenvolvimento para chegar sei lá numa de desenvolvido ... okay? ... uma::
 um caminho
 L2 ahn ahn
 505 agora PE: :que ... os indivíduos... desse pais ... é melhor ou é pior para eles isso?
 507 L2 não sei porque acho que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se
 falando num
 plano material né?, .. concreto material ou melhores condições materiais de vida.,,
 511 L1 é mas se não na/não:: ...
 L2 se Isso sabe
 L1 seja mais ampla porque:: ... material envolve ... qualquer outro junto ... certo?
 L2 nem sempre M. você vai:: ... assim:: o povo americano não é um povo feliz ... em
 termos de condições materiais:: está ótimo está está:: muito bem mas ... realmente eu
 não sei te dizer se ... se .. se faz tanta diferença assim .. , «barulho de motocicleta»
 520 então você quer dizer o quê? (vai) cair naquele básico que ... dinheiro não traz
 felicidade? então desenvolvimento está ruim.
 L2 mas que ajuda ... NÃO estou dizendo que não SEI:: se:: se sabe? melhora a condição
 assim emocional das pessoas que estão.,, quer dizer () ou não
 [
 L1 não se preocupe::, .. exageradamente com o emocional não
 L2 ah é o meu campo po
 [
 L1 «rindo» (eu estou falando de) cidade ...
 L2 «rindo» e daí? a cidade não é também? ... a origem das coisas e a emoção .. , as
 aulas as aulinhas lá que eu
 [
 L1 você mexe .. ,
 L2 estou assistindo
 L1 fundamentalmente
 [
 535 L2 oi?
 L1 com os indivíduos né? é diferente de mexer com casas

- L2 e o que
L1 são indivíduos? são feixes de emoções ... condensadas «ri))
- 540 L1 indivíduo é um todo
L2 que eu Acho ... assim
L1 por exemplo
[
L2 ahn
- 545 L1 você acha que um indivíduo ... tendo trabalho ou não tendo trabalho é a mesma coisa?., você não
- 546 acha que um indivíduo que tem onde trabalhar:: ... e gan::nha melhor ele não está ...
emocionalmente melhor que um indivíduo que não tem onde trabalhar e:: ... et
cetera? .. você acha que não?
- 550 L2 você diz mais ou menos doente?
L1 sei lá ... eu não estou pegando nenhum
[
L2 nesse sentido assim?
L1 caso clínico ... um indivíduo qualquer. ..
[
L2 ahn tudo bem ... esta está legal ..
L1 então o desen/ o desenvolvimento e bom porque ele da chance de emprego para
mais gente ...
L2 mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe? um cara que esteja
desempregado também eu posso ... usar o mesmo exemplo num num sentido
contrário ... o cara que está desempregado porque não consegue se empregar né?
na verdade não quer. .. ou um outro que:: assim... muito bem empregado executivo
chefe de empresa e tal mas cheio das neuroses dele ... eu não sei qual está melhor ...
- 565 L1 então você tem que abstrair desse aspecto porque você pode ter ambos os ca: :sos
... você tem que pegar na média esquecendo esse aspecto particular. ..
L2 é mas aí:: e o tal negócio eu não me preocupo muito com a média ... pra mim
interessa:: o:: indivíduo né? ..
- 570 salvação individual então eu pensar como é que está essa média como é que está
aquela como e que está a ou/ ... () realmente me faltam dados né! para eu ... mas
que aí é falta de interesse minha né? de eu não procurar esses dados de eu não me
tocar muito ...
- 575 e ver:: ...
L1 é eu às vezes me preocupo com ... digamos com a média pelo seguinte ... eu me
preocupo com o que que eu estou contribuindo com o bem da média ou não ...
porque porque eu pego e calculo uma coisa que chegou a mim ... e de mim vai para
outros
L2 uhn uhn
L1 certo eu sou:: um:: ... um circuitozinho pequenininho dentro de um processo grande ...
L2 ahn ahn
- 585 e se eu (saio dali ou não) basicamente eu posso não interferir. .. no processo global.
.. mas eu
- queria entender esse processo né porque às vezes eu vejo assim pontes enormes que:: se
gastam... fábulas para construí-la ... desde o projeto até:: a entrega da obra ... mas às vezes
590 eu não sinto muito o nexo na ponte ... então eu fico perguntando se eu estou ... por fo::ra do
planejamento né? eu estou fazendo a coisa ... simplesmente porque eu sou uma:: pe: :ça
dentro de uma engrenagem maior então eu não estou sabendo do porque ou se tem:: ...
como as vezes eu sinto muito ... muito senão aí:: ... alguém tem dinheiro:: dá dinheiro para
esse outro para ele construir a ponte mas sem outra função né? .. mas hoje eu tenho eu acho
assim puxa essa ponte está:: jogando dinheiro fora ... não que ... melhor guardar
- L2 você não pode escolher não fazer né?

- L1 não ... mesmo que eu escolha eu não vou interferir no processo ...
 L2 ahn ahn
 L1 mas eu gostaria de sentir se o esquema em si ele funciona bem ... não sinto o funcionamento dele ...
 global gostaria de entender ...
 605 L2 aim ahn ... não sei acho que eu também não entendo
 mas acho que vem muito em função da gente entender:: ... o ... primei: :ro ter que
 entender o teu funcionamento individual para depois:: ... sabe? realidade é uma projeção né? .. também ... você ... sabe você estar equilibrado antes:: ... enquanto indivíduo para poder
 enxergar ... fora como é que é esse equilíbrio fora ... que existe o equilíbrio acho que existe mas de que forma que ele se mantém né? .. obrigada «fala paralela» «som de colherinha batendo na xícara»
 L1 falando ... «vozes» falando de compras ...
 620 L2 café? .. está uma onda de café por aí né? que diz que éh a/ aumentar o preço externo então tem
 que aumentar o preço interno não sei o que? ..
 L1 não aí é mais ou menos natural ... o preço flutua no mercado externo né'? .. se você mantém o preço interno Fixo ... você ...
 L2 é ... isso eu estou sabendo a causa
 [
 L1 provoca .. () seria um contrabando né?
 L2 ahn
 L1 quer dizer ... o pessoal vai
 [
 L2 ahn ... podem comprar aqui e vender lá fora ...
 L1 é ... então mantêm-se os preços iguais e não tem problema ...
 L2 certo ((com sotaque italiano))

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)